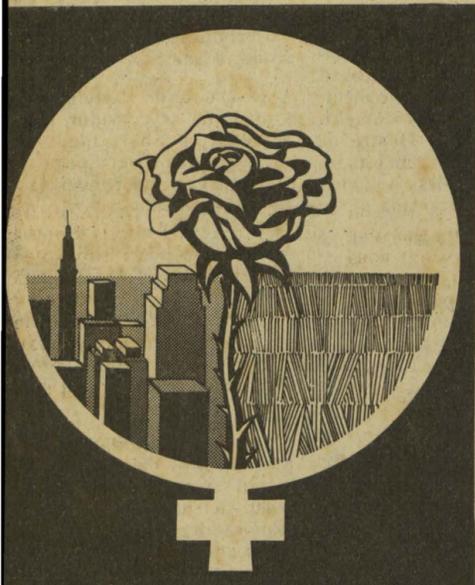


Tribuna Operária da Luta

ANO VII - Nº 249 - DE 20 A 26 DE JANEIRO DE 1986

Cr\$ 2500

Pancadaria na Prefeitura de Jânio causa revolta: "Fora fascista da capital paulista!!"



Trabalhadora brasileira apresenta sua proposta em Congresso

I Congresso Nacional das Trabalhadoras Brasileiras discutirá teses sobre política nacional, Constituinte, reforma agrária e a luta contra a discriminação da mulher nos campos econômico, político e social. Veja os principais trechos das teses na pág. 5



Foto: César Diniz

Gritos como este, e também "Um, dois, três, renuncia outra vez!" empolgaram a passeata de funcionários municipais que percorreu São Paulo quarta-feira dia 15. Eles haviam se concentrado na Prefeitura para protestar contra as 23 mil demissões decididas por Jânio. A resposta do prefeito foi acionar a Polícia Militar, que baixou o cassetete, ferindo alguns parlamentares. O primeiro confronto aberto entre Jânio prefeito e o povo trabalhador está na página 3.

Jânio mostra o que é

Para Jânio, as reivindicações do povo constituem caso de polícia. Por isto os funcionários que foram pedir audiência ao prefeito, para protestar contra as demissões, foram recebidos pelo coronel Coutinho - torturador nomeado para a Assistência Militar da Prefeitura. A consequência foi a repetição das cenas ocorridas na Freguesia do Ó durante a gestão de Paulo Maluf. Parlamentares, lideranças, funcionários, foram brutalmente espancados pela PM.

O fato já era esperado. Durante a campanha eleitoral os democratas haviam levantado a necessidade imperiosa de uma ampla frente de todos os que amam a liberdade para impedir um retrocesso no governo municipal com a eleição de Jânio Quadros, e evitar que a direita se utilizasse da poderosa máquina da Prefeitura paulistana para sua rearticulação em plano nacional.

O PT, principalmente, combateu com ardor a formação desta frente. Dizia que para o povo não fazia diferença, concentrando fogo contra o PMDB. E conseguiu certo êxito em dividir os votos dos trabalhadores, facilitando a vitória de Jânio. Dentro do próprio PMDB, a falta de unidade, as disputas menores de grupos, contribuíram também para que não se empolgasse o eleitorado. O resultado aí está. O fascismo toma lugar na maior Prefeitura do país: a discriminação da imprensa, as perseguições aos que não dizem amém ao poder estabelecido, o ataque frontal a conquistas elementares do povo, até a mesquinha tentativa de retirar o passe gratuito dos idosos nos transportes coletivos; e a força bruta como argumento contra os apelos dos trabalhadores.

A situação exige atitudes firmes e uma ampla unidade dos democratas. Não se quebrará a intransigência janista se não houver uma mobilização de forças em todos os terrenos. Na Câ-

mara Municipal e na Assembléia Legislativa, nas entidades sindicais, nas sociedades amigos de bairros, nas escolas, nas empresas e nas ruas, é urgente que se levante o brado em defesa da democracia e em repúdio à política antipovo.

Jânio já declarou que a Prefeitura é sua e por isto se arvora o direito de recusar a entrada de jornalistas considerados como inimigos. Agora fechou as portas também ao povo e aos representantes parlamentares. É a mentalidade implantada pela ditadura, que durante 21 anos tratou os bens e os negócios públicos como se fossem propriedade privada da camarilha que assaltou o poder. Esta mesma concepção levou à afrontosa nomeação de um coronel torturador para o cargo de assessor militar. São também tais idéias que orientam a pretensão de formar a "Guarda Municipal", para ter à disposição uma tropa de choque fascista.

O próprio caráter das demissões prometidas por Jânio tem um nítido traço de perseguição política, uma vez que, sem julgar as necessidades do município e sem levar em conta o trabalho de cada funcionário, abrange todas as contratações realizadas desde que o PMDB iniciou sua gestão.

O que é de lamentar ainda neste episódio é o fato da Polícia Militar, subordinada ao governo estadual, ser o instrumento da violência contra o povo. Não se pretendia que Franco Montoro negasse um contingente para a segurança da Prefeitura. Mas esta tropa deveria estar absolutamente sob controle, para evitar qualquer ato de truculência e não desrespeitar nenhuma norma democrática. Já em outros episódios a PM agrediu barbaramente trabalhadores, violando todas as promessas de garantir a liberdade e assegurar o direito de expressão e manifestação. Além de lutar contra a política fascista de Jânio, urge exigir a punição dos espancadores da PM.

Intromissão dos EUA na América do Sul

Rockefeller e Kennedy estão na América Latina, intrometendo-se em assuntos internos dos países soberanos. Em Buenos Aires, Rockefeller foi recebido com atos de protesto, reprimidos pela Polícia. Pág. 2

Os 41 anos de socialismo na Albânia

Visitando a Albânia durante os festejos do 41º aniversário da revolução, o dirigente do PC do B, Sérgio Miranda, viu a força do povo que constrói uma sociedade livre e soberana. Ele conta as vitórias do socialismo, na página 2.

Conclat deve fundar a CGT no Congresso de março próximo

A luta pela unidade dos trabalhadores exige a criação de uma nova Central Sindical. Pág. 6

Tragédia nas obras da Terceira Ponte

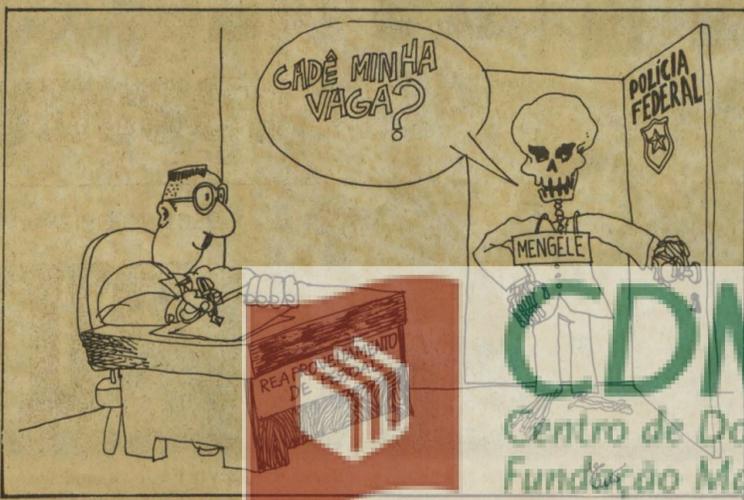
Trabalho duro, salários baixos e convivência cotidiana com a morte. É a vida dos operários que constroem a Terceira Ponte de Vitória (ES), sob a administração da poderosa Norberto Odebrecht. Pág. 7

Uma vida dedicada à classe operária

Em um artigo que a Tribuna Operária publica na pág. 4, o dirigente comunista João Amazonas recorda momento da vida do revolucionário paraense Henrique Santiago, falecido dia 21 de dezembro.

As dívidas e a seca massacram lavradores

Na Fazenda Primavera, no extremo oeste de São Paulo, os camponeses conquistaram lotes de terra desde 1980 e transformaram o pasto em cultivo. Mas muitos estão perdendo a terra para os preços altos... Pág. 10



Terror e miséria no Haiti do ditador "Baby Doc"

O ditador do Haiti, Jean-Claude Duvalier, determinou dia 8, o fechamento de universidades, colégios e escolas do país, em represália contra as manifestações de protesto contra seu governo realizadas pela população. O número de mortos pela repressão desencadeada pelas Forças Armadas contra os manifestantes, que saíram às ruas a partir do dia 6 último, não é conhecido.

Na cidade de Gonaives do norte do país, onde milhares de manifestantes têm saído às ruas para protestar contra o ditador Duvalier, a repressão policial já provocou a morte de 4 pessoas.

Em Petit Goave, a grande maioria de seus 60 mil paupérrimos habitantes saiu às ruas no dia 6 para manifestar seu repúdio ao governo. No final das manifestações, os únicos edifícios que simbolizavam o regime estavam destruídos: a coletoria de impostos, a companhia de água, e o correio. Foram também incendiadas as casas dos terríveis **tontons macoutes**, a truculenta polícia civil do país. O estopim da revolta foi a prisão de Claude Alcindor, um conhecido opositorista do regime, e cujo irmão morreu fuzilado. De 29 de novembro para cá, pelo menos oito pessoas foram assassinadas pela repressão.

TERROR E MISÉRIA

O Haiti ocupa o terço ocidental da ilha de Hispaniola, nas Antilhas - a maior parte da ilha forma a República Dominicana. É a área de maior densidade populacional da ilha, e também a de maior subdesenvolvimento de toda a América - o único país americano a constar da lista dos 25 mais



"A união faz a força" diz a faixa

pobres do planeta. Sua população tem uma média de vida de apenas 33 anos, e o país é o maior exportador de sangue humano do mundo! Cerca de 80% dos seus 5,1 milhões de habitantes são analfabetos.

Mas nem sempre o Haiti foi esse rol de misérias e privações. Primeira colônia espanhola na América, estabelecida pelo próprio Cristóvão Colombo em 1492, acabou sendo colonizada pelos franceses. Os índios que a habitavam foram logo exterminados pelos colonizadores. Negros, trazidos da África para serem escravos, logo passaram a constituir a maior parte da população da colônia francesa, então chamada **Saint Domingue**. Em 1788, trabalhavam no país quase 500 mil escravos negros, explorados por apenas 30 mil homens livres.

Em 1791, durante a Revolução Francesa, os escravos rebelaram-se, destruindo plantações e aldeias e reivindicando, eles também, a igualdade e a liberdade preconizada pelos franceses. Um antigo escravo, Toussaint L'Ouverture (o nome vem de sua destreza em abrir "brechas" nas tropas inimigas) chegou a assumir o poder, liderando os sublevados. Mas foi deposto em 1799, pelas tropas de Napoleão Bonaparte.

A luta continuou até a vitória, em 1º de janeiro de 1804, quando Jean Dessalines proclamou a independência da colônia e o país assumiu o nome de Haiti, que significa "terra alta" (alusão às montanhas que compõem o país e que sediaram as guerrilhas anti-



Retrato oficial dos ditadores "Papa" e "Baby Doc"

colônias). No escudo do país foi inscrito: "A união faz a força".

Inaugurava-se a primeira república negra do globo, e na América surgia o segundo país independente (antes, só os Estados Unidos). A população beneficiou-se com uma melhoria do padrão de vida. Os latifúndios coloniais foram extintos com a reforma agrária. Mesmo sem ter-se tornado uma nação rica, o Haiti teve condições de fornecer dinheiro e armas para Simon Bolívar, o revolucionário da América Latina.

INVASÃO IANQUE

O país não ficou livre, porém, das ingerências da França e de outros países colonialistas, que se aproveitavam das querelas entre as classes dominantes locais para buscar uma nova forma de continuar a explorar a força de trabalho e as riquezas naturais haitianas.

Com o correr dos anos portos e estradas de ferro foram construídos por capitalistas estrangeiros. O país foi sendo levado ao endividamento por sucessivos governos vendepátrias. Quando entra em cena o imperialismo norte-americano, já é para fazer valer seus interesses através da lei da força. Em 1915 tropas ianques,

a mando do presidente Woodrow Wilson, dos EUA, invadem o pequeno país, e aí permanecem até 1934. Quando saem, é para deixar em seu lugar governos títeres.

É dentro desse processo que assume o poder, em 1957, François Duvalier, o **Papa Doc** (papai doutor). Eliminando com métodos sanguinários seus oponentes, Duvalier espalha o terror entre a população. Aproveitando-se das credências populares na seita vudu, seqüestra os cadáveres dos democratas que assassina e espalha boatos de que eles, os cadáveres, trabalharão pela eternidade nos porões do castelo do governo... Sua guarda pessoal é denominada **tontons macoutes** - um bicho-papão vudu.

Em 1964 **Papa Doc** declarou-se presidente vitalício e em 1971, às portas da morte, escolheu seu filho, Jean-Claude Duvalier - o **Baby Doc**, para sucessor. **Papa Doc** morreu nesse mesmo ano e, desde então, o povo haitiano é vítima dos ditames de seu **Baby**. Para manter-se no poder conta, é claro, com o apoio em armas e dinheiro do governo de Ronald Reagan, dos Estados Unidos. É contra este ditador que o povo ergue-se neste momento, em justos protestos. (Carlos Pompe)

Imperialistas dos EUA vêm pressionar a América Latina

Dois dos mais legítimos representantes do imperialismo norte-americano estão viajando pela América Latina, estabelecendo contatos com chefes de Estado e lideranças políticas, defendendo os interesses rapaces dos EUA: o senador Edward "Ted" Kennedy - que veio inclusive ao Brasil -, e o banqueiro David Rockefeller. Dentre os temas que abordam, um está no centro das atenções: a dívida externa latino-americana.

Kennedy começou seu périplo sul-americano pelo Brasil. Ficou quatro dias em nosso país, impunemente. Conversou com o presidente José Sarney; com os ministros Funaro, da Fazenda e Setúbal, das Relações Exteriores; com o presidente da Câmara e do PMDB, Ulysses Guimarães, e do PT, Lula; com os governadores Brizola, do Rio, e Montoro, de São Paulo; com os prefeitos, Saturnino, riocha; e Jânio Quadros, paulistano; e com capitalistas e banqueiros.

Papricado pela imprensa burguesa, que o qualificou de "democrata", "equilibrado", "líder popular" etc., Kennedy visitou o Congresso Nacional, mas retirou-se apressadamente quando um parlamentar começou a denunciar os crimes dos EUA contra os povos palestinos e da América Central (o irmão de Ted, John, quando era presidente dos EUA, ordenou a invasão de Cuba). Mas ao encontrar-se com lideranças do PT, como a prefeita de Fortaleza, Maria Luiza, e os dirigentes nacionais da agremiação, Lula e Francisco Weffort (com quem manteve conversas a portas fechadas), não teve que enfrentar essas perturbações antiimperialistas.

Pelo contrário, o representante das multinacionais ianques trocou idéias com Lula sobre sindicalismo, dívida

externa, Constituinte, e sobre próprio PT - a quem comparou com o Partido Democrata, a burguesia monopolista estadunidense - e acabou convidando o ex-metalúrgico para visitar o Estados Unidos.

O senador do Partido Democrata não teve pudor em intrrometer abertamente e questões que dizem respeito soberania e independência de nosso país e nosso povo. Afirmando que o Brasil deve reduzir "o tamanho do setor estatal" - certamente para que as multinacionais ianques ocupem os espaços deixados vazios - e criticou a possibilidade de formação de "cartéis de devedores" para tratamento da dívida externa.

Do Brasil, Kennedy partiu para Uruguai, Argentina, Chile e Peru. No mesmo dia em que aterrou no Uruguai, 12, estava seu colega David Rockefeller, defendendo os interesses exploradores dos EUA na América Latina. Também Rockefeller criticou, em Montevidéu, a união dos países devedores para tratar da dívida externa. "Em cada país o problema é distinto", afirmou o representante dos banqueiros internacionais.

É como se os mutuários do BNH tivessem que tratar em separado dos problemas de suas dívidas em torno da casa própria, já que cada mutuário tem a sua vida particular, problemas específicos, famílias com diferentes números de integrantes etc. Ora, é conhecido o grito de luta popular: "O povo unido jamais será vencido". É essa união dos povos explorados que os imperialistas querem evitar, e daí realizarem suas "visitas amigáveis" pela América Latina, na medida em que vão diminuindo o número de ditaduras militares prontas a bater sentido a cada ordem emitida pela Casa Branca, e as mobilizações dos trabalhadores vão crescendo.

"Na Albânia, eu vi um povo feliz"

De volta da Albânia, onde participou dos festejos de comemoração do 41º aniversário da revolução socialista no país Sérgio Miranda contou à *Tribuna Operária* o que viu no país de Enver Hoxha.

T.O.: Quais as realizações do povo albanês no VII Plano Quinquenal?

Sérgio: É importante frisar que este foi o primeiro plano da Albânia apoiado unicamente nas próprias forças. Nos anteriores, o país recebia alguma forma de ajuda exterior. Da União Soviética, quando era socialista, e da China. Eu estive na Albânia quando se encerrava o VII Plano Quinquenal e se estava fazendo um balanço, e o sentimento geral era de vitória - tanto na indústria quanto na agricultura. Isso apesar de que, em 1985, a Albânia viveu uma crise muito séria na agricultura devido ao clima. No início do ano o inverno foi muito rigoroso - 40°C abaixo de zero em algumas regiões. E depois do inverno veio uma seca terrível, com mais de seis meses sem chuvas. Mas o povo e o Partido do Trabalho da Albânia superaram as dificuldades e cumpriram o Plano. Nos países vizinhos, como a Bulgária e a Iugoslávia, a forma de enfrentar esta seca foi totalmente diversa. A Bulgária, considerada o paraíso agrário do mundo social-imperialista, importou 3 milhões de toneladas de trigo; e a Iugoslávia está mergulhada na crise.

trução do socialismo no país. Foi uma perda sentidíssima pelo povo a morte de Enver Hoxha. Mas os albaneses transformaram essa dor em força porque, num ano de dificuldades climáticas etc., eles mantiveram o país numa perspectiva de progresso e bem estar social.

T.O.: Após a morte de Enver Hoxha houve mudanças no partido albanês?

Sérgio: A imprensa burguesa especulou muito em torno desse assunto, insinuando que a Albânia mudaria de rota. Isso não é verdade. Recentemente o camarada Ramiz Alia, que é o atual dirigente do PTA, abordou essas questões, e foi bastante incisivo ao afirmar que a Albânia mantém sua posição de princípios, que parte de uma análise marxista-leninista do atual quadro político internacional. A política externa albanesa não é estreita, mas ampla, mantendo relações com praticamente todos os países do mundo com duas exceções: as superpotências imperialistas.

Estados Unidos e União Soviética, que são os grandes inimigos da humanidade, e não apenas da Albânia.

T.O.: Como está a Albânia na arena Internacional?

Sérgio: É preciso observar que existe uma política de cerco e isolamento da Albânia, tramada pelas superpotências, pelos reacionários, que vêm na existência de um país socialista uma ameaça aos seus interesses. Mas eu encontrei uma Albânia aberta às transformações que ocorrem no mundo, e notei nas pessoas simples do povo e nos militantes do PTA uma preocupação e um acompanhamento da conjuntura internacional. Na verdade essa propaganda burguesa, que procura mostrar a Albânia como um país isolado, não bate com a realidade do país. A Albânia tem relações comerciais com inúmeros países, principalmente com os países mais próximos. E o PTA desenvolve uma política de real internacionalismo proletário, dando apoio às lutas dos povos e da classe operária dos diferentes países.

TO: Que impressões você traz da Albânia?

Sérgio: Fiquei muito impressionado com as transforma-

ções no país, mesmo físicas. Para nós, que vivemos no Brasil, onde as diferenças sociais são gritantes, é um impacto chegarmos a um país onde não existem essas diferenças sociais, como na Albânia. Você não distingue as pessoas pelas roupas que usam ou pelos locais que frequentam. Estive numa mesa, numa mesa estava um engenheiro; mais adiante, um operário; noutra mesa um oficial, noutra um soldado etc. Outra coisa que salta aos olhos é a profunda ligação do PTA com a massa e a preocupação constante em fortalecer ainda mais essa união. Eu vi um povo feliz, que caminha com suas próprias forças, num país que se desenvolve, num país que progride. Como escreveu certa vez a Lilian Helmann, a Albânia é um pequeno país que sabe o que quer, e luta com afinco para conseguir isto. Um país que não deve um tostão a ninguém, que se pronuncia abertamente contra as duas superpotências, não toma parte de nenhum dos pactos agressivos que existem no mundo hoje, e que eleva o nível de vida de seu povo mantendo, uma postura de independência e de defesa dos princípios do marxismo.

Iugoslávia renegocia a dívida externa

A agência de notícias iugoslava, **Tanjug**, anunciou que a Iugoslávia e um consórcio de bancos internacionais assinaram um acordo renegociando por quatro anos o pagamento de uma dívida de 3,8 bilhões de dólares contraída pelo governo titista. Segundo dados da **Tanjug**, a dívida externa da Iugoslá-

via quadruplicou em relação a 1975, atingindo a cifra de 25 bilhões de dólares. Mais de um quarto do montante da dívida é constituído pelas taxas de juros que devem ser pagas pelos créditos recebidos. É o resultado concreto do falso socialismo "autogestionário", apregoado pelos revisionistas de Belgrado.

Estude os clássicos do marxismo-leninismo

MARX	
Origem do Capital	35.000
Questão judaica	25.000
Formações econômicas pré-capitalistas	26.500
Salário, preço e lucro	15.000
Trabalho assalariado e capital	12.000
Miséria da Filosofia	21.000
Contribuição à crítica da economia política	55.000
Crítica da filosofia do direito de Hegel	45.400
ENGELS	
A questão da habitação	16.000
Dialética da natureza	42.500
Anti-Dühring	43.800
O papel do trabalho na transformação do macaco em homem	9.000
Do socialismo utópico ao soc. científico	19.000
Origem da família, da propriedade privada e do Estado	49.000
LÊNIN	
Sobre os sindicatos	20.000
O trabalho do Partido entre as massas	20.000
O Estado e a Revolução	38.000
1905 - jornadas revolucionárias	16.000
A revolução proletária e o renegado Kautsky	20.000
As 3 fontes e as 3 partes const. do marxismo	20.000
Esquerdismo - doença infantil do comunismo	35.000
Imperialismo, fase superior do capitalismo	31.000
O programa agrário	20.000
Teses de Abril	29.240
Como iludir o povo	15.000
Sobre a emancipação da mulher	29.000
Um passo à frente e dois atrás	34.680
Dois táticos da social-democracia	34.680
Pedidos à Editora Anita Garibaldi, Av. Brigadeiro Luis Antônio, 1.511, CEP 01317, São Paulo.	

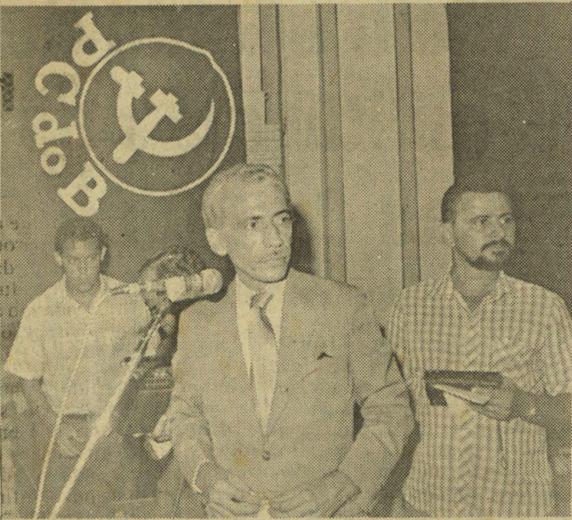
Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois



Sérgio Miranda (com o blusão): "A Albânia está festejando as vitórias do VII Plano Quinquenal"

T.O.: Como o partido e o povo albanês reagiram à morte de Enver Hoxha?

Sérgio: Enver Hoxha foi o fundador do Partido do Trabalho, o comandante do Exército de Libertação, foi o primeiro chefe de Estado da República Popular Socialista da Albânia. Sob sua direção a Albânia construiu o estado socialista e enfrentou os grandes problemas ideológicos na década de 50, ele dirigiu a luta contra o revisionismo krushevista e posteriormente contra o revisionismo chinês. Existe uma ligação entre Enver Hoxha, o partido e o povo, que extrapola em muito a idéia de um líder. Ele significa o próprio processo de afirmação política e de cons-



Na posse, Djalma garantiu que moralizará a prefeitura

Djalma combate a corrupção do PDS em Maceió

Quando o novo prefeito de Maceió, Djalma Falcão, da coligação PMDB-PC do B-PSB, assumiu a prefeitura, disse que estava preparado para enfrentar uma situação de anarquia administrativa e financeira. "Mas a situação está muito pior do que imaginávamos", garante Falcão. De fato, uma herança maldita foi deixada pelo ex-prefeito, o biônico José Bandeira, do PDS-PFL. Os esquemas de corrupção e empreguismo, o caos nas finanças, todo um submundo que está vindo a tona, chegam as raias do incrível.

Duas medidas iniciais, no campo administrativo, mostraram ao povo algoano que a moralização, prometida na campanha eleitoral, é para valer. Djalma Falcão baixou uma portaria determinando que todos os servidores municipais compareçam diariamente aos locais de trabalho, marquem o ponto e permaneçam nas repartições (até então nunca houvera qualquer controle da frequência ao trabalho). Outra medida saneadora foi um decreto tornando "nulas de pleno direito" todas as contratações eleitoreiras de funcionários feitas pelo ex-prefeito pouco antes de sair do cargo.

Além disso, todas as irregularidades e falcaturas, os esquemas de empreguismo irresponsável, de má utilização do dinheiro público e de mordomias, foram denunciadas amplamente à imprensa, para que a população ficasse sabendo a verdade. Djalma Falcão determinou, inclusive, uma devassa geral, através de uma auditoria independente em todos os órgãos. "Praticaram uma política de terra arrasada, mas nós vamos investigar tudo e os culpados serão responsabilizados na justiça", afirma o prefeito.

Apesar das dificuldades, Djalma Falcão está determinado - e tem reafirmado isso de público - a marcar sua administração pelas mudanças, por obras públicas e pelo avanço de Maceió. E para isto conta com o apoio firme das Associações de Moradores, dos Sindicatos e de todo o movimento popular e democrático. As primeiras medidas do novo prefeito repercutiram de forma excelente, ganhando a aprovação e o incentivo do povo. Já no dia da posse, com o Teatro Deodoro lotado, os populares, aos gritos, pediam em coro: "um, dois, três, Zé Bandeira no xadrez". (da sucursal)

Prefeito de Pelotas enfrenta empresários

O prefeito Bernardo de Souza decretou a intervenção nas 4 empresas de transporte coletivo de Pelotas no dia 4 de janeiro, quando os empresários paralisaram 50% do serviço com o objetivo de extorquir maiores lucros. Os empresários ameaçavam suspender inteiramente o serviço entre as 22 e as 5 hs. se as tarifas não fossem aumentadas. A pronta intervenção da Prefeitura veio normalizar o serviço e teve incondicional apoio popular.

A intervenção, com prazo de 30 dias, foi seguida da mobilização de associações de bairro e de entidades sindicais, estudantis e religiosas. No dia 11 de janeiro, por ocasião da assembleia de constituição do Conselho de Supervisão Comunitária da intervenção, Bernardo de Souza explicou que o ato visa resguardar o interesse da população e não é uma luta da prefeitura, "mas de toda a população de Pelotas". "Por isso - disse - é indispensável a mobilização de todas as organizações populares".

O prefeito esclareceu que Pelotas é o único município do Brasil onde não se considera o custo operacional das empresas e se reajustam as tarifas de transporte coletivo no mesmo percentual e data do reajuste salarial dos usuários.

A intervenção teve ampla repercussão política no Estado e conquistou o apoio de diversos deputados e vereadores de outras cidades, como a vereadora Jussara Cony, de Porto Alegre. (da sucursal)



Banqueiros exigem a reedição do arrocho

Mais uma rodada de pressões da comunidade financeira internacional para que o governo Sarney adote medidas de caráter antipopular e antinacional. Foi isto que transpareceu das recentes negociações sobre a dívida externa levadas a efeito pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro, em Nova Iorque. Os credores continuam exigindo a supervisão do FMI sobre a economia nacional. É este o ponto central, mas as pressões vêm sendo exercidas em vários níveis, muito embora o governo venha ostentando a condição de "bom devedor" (paga em dia e integralmente os juros da dívida).

O valor dessas dívidas é de 445 milhões de dólares, por constituírem créditos de risco (baseados na Resolução 63 do Banco Central, sem o aval da União), o governo havia afirmado que não seriam pagos. Diante de novas imposições dos banqueiros, há sinais de que pode ser dado um passo atrás. Foi noticiado, inclusive, que já está praticamente acertado o pagamento de, pelo menos 50% dos débitos.

Funaro, por outro lado, chegou a levantar a hipótese de reintroduzir os famigerados expurgos no cálculo do IPCA (índice que reajusta salários, câmbio e títulos públicos), "uma imoralidade" criada pelo velho regime, nas palavras de alguns sindicalistas. Não é difícil verificar que por trás disto está a bota do imperialismo.

Jânio promove pancadaria na porta da Prefeitura

Uma pacífica manifestação de funcionários do município de São Paulo, quarta-feira, dia 15, contra a onda de demissões ordenada pelo prefeito Jânio Quadros, terminou em cenas de pancadaria que lembram o "Massacre da Freguesia do Ó", no governo Maluf. Parlamentares que tentavam falar com o prefeito foram agredidos com cassetetes pela polícia.

As demissões foram decididas através dos decretos 21.831 e 21.836, logo no primeiro dia de trabalho da nova gestão. Até o momento, calcula-se que 700 funcionários já foram para a rua. Mas o próprio Jânio, poucas horas antes da pancadaria, afirmava: "Estou dispensando cerca de 23 mil funcionários". Os trabalhadores ameaçados estão principalmente nas creches, cursos de educação de adultos, postos de saúde e hospitais. A insegurança e a tensão se alastram pelo funcionalismo.

A manifestação, diante da Prefeitura, fora convocada pelas Associações e Sindicatos que organizam os funcionários municipais, com o objetivo de interpelar Jânio Quadros. Exigia a revogação dos decretos fatídicos e a readmissão dos demitidos. Apesar do terrorismo branco praticado pelo prefeito através da imprensa - prometendo receber o protesto com "bombas de gás" -, cerca de 3 mil trabalhadores se concentraram, após o almoço, com muitas faixas e discursos.

TORTURADOR EM AÇÃO

Em torno da Prefeitura, um cordão de policiais militares, armados com revólveres, cassetetes de borracha e também de madeira, começou a ser reforçado. No parque em torno do prédio, 20 cavalarianos da PM ostentavam força, com seus pesados sabres. Nas imediações, estacionavam duas viaturas com cães.

Movimentando-se muito à vontade em meio aos colegas de farda, atuava o já célebre coronel Francisco Coutinho e Silva, integrante da lista de torturadores "Brasil: nunca mais". Foi ele que apresentou à imprensa e aos parlamentares presentes a arrogante resposta do prefeito aos funcionários, num memorando sumário que dizia: "Se hoje qualquer delegação desejar ver-me, só será recebida quando e se: a) pedir audiência e b) for comissão composta por três pessoas, que não estiver acompanhada por manifestantes no exterior do prédio." Em outras palavras, Jânio não aceitava receber os representantes do funcionalismo.

Enquanto a multidão vaiava esta provocação, uma comissão de parlamentares tentou entrar pelo outro lado do prédio, onde se encontrava a única porta aberta. Pretendia entrevistarse com o prefeito e buscar uma alternativa para o impasse, demovendo-o de sua intolerância.

A Polícia Militar, contudo, iria transformar a tentativa numa cena de rara violência. Evidentemente criara-se uma "ligação direta" entre o gabinete



Foto: César Diniz

policiais empurram com seus cassetetes o deputado Cintra e a vereadora Ida Maria; abaixo, o coronel-torturador Coutinho e a passeata dos funcionários, gritando palavras de ordem como "Fora fascista da capital paulista!"



Foto: César Diniz

de Jânio, o coronel Coutinho, chefe da Assistência Militar do gabinete, e a tropa comandada pelo tenente-coronel Rumualdo Fuga, do 12º BPM. Quando os parlamentares tentavam entrar foram recebidos com golpes de cassetete, que terminaram sobrando também para as lideranças e os jornalistas que presenciavam a cena. Uma pancada deixou sua marca no pescoço da vereadora Ida Maria; outra rompeu o couro cabeludo do deputado Eduardo Jorge, que sangrava copiosamente; o deputado Benedito Cintra e a vereadora Luzia Erundina também foram atingidos; e o vereador Walter Feldman chegou a ser atirado no chão. Após haver destrutado a imprensa, Jânio mostrava como tencionava tratar os representantes do Legislativo.

"RENUNCIA OUTRA VEZ!"

A reação dos funcionários ao saberem da agressão foi decidida imediatamente: sair em passeata - que não estava programada - até a Câmara dos Vereadores, distante mais de três quilômetros. Ali realizariam uma assembleia para decidir

OPINIÃO

PM arranca focinheira

O episódio do dia 15 na Prefeitura paulistana não atesta apenas a inclinação fascista do sr. Jânio Quadros. Evidencia também, tal como as ações repressivas do largo 13, Guariba e Conjunto do Inocop, que a Polícia Militar do Estado age sob comando direto da direita.

Para usar a terminologia de um antigo secretário de Segurança, a PM paulista "arrancou a focinheira": morde a torto e a direito, derrama sangue, não poupa sequer parlamentares do mesmo partido do governador Franco Montoro e encara os trabalhado-

res como seu inimigo número um.

Agora a direita apoderou-se também da prefeitura, por meio de Jânio, que aliás teve apoio ostensivo da Polícia Civil e da oficialidade da PM. E assiste-se à "ligação direta" em que o prefeito serve-se da tropa policial para sua ação provocatória. Enquanto o governo Montoro, em tese responsável pela conduta da PM, mas sem controle sobre ela, assiste a banda passar e, compreensivelmente, desgastar-se.

Ainda é tempo de pôr fim a tais desmandos. Antes tarde do que nunca.

sobre a continuidade da luta.

Durante o trajeto, era patente a simpatia da população pela causa do funcionalismo. A passeata foi engrossando, chegando a contar com perto de 5 mil participantes. Ao longo da Avenida Brigadeiro Luís Antônio, o povo exprimia seu apoio sob a forma de uma chuva de papel picado que caía dos prédios. E os manifestantes, sentindo-se respaldados, redobravam de energia nas palavras de ordem: "Um, dois, três, renuncia outra vez!" e "Fora, fascista, da capital paulista!"

Na Câmara Municipal, os funcionários decidiram que, na

semana seguinte, haverá novos protestos contra o prefeito que pretende voltar aos métodos fascistas da ditadura militar. Os vereadores agredidos iniciaram também um movimento em favor da autoconvocação da Câmara, atualmente em recesso, para responder ao prefeito que desrespeitou-a na pessoa de vários de seus membros. Por enquanto, é apenas um início de reação do funcionalismo municipal, e de resistência dos paulistanos à prepotência na Prefeitura. Mas o sr. Jânio Quadros pode estar certo de que seus desmandos vão encontrar uma resposta cada vez mais enérgica.

Greve contra a prefeita do PT

Distoando do discurso de seus colegas de partido, a prefeita petista de Fortaleza, Maria Luíza, está afirmando que "nem sempre a greve deve ser decretada, não pode ser a qualquer momento e de qualquer jeito".

É que a prefeita do PT está enfrentando as mobilizações do funcionalismo municipal, que desde novembro não recebe salário - inclusive o 13º.

Cerca de 10 mil funcionários da prefeitura de Fortaleza entraram em greve dia 15, paralisando as Secretarias de Urbanismo e Obras Públicas, Serviços Urbanos, Empresa Municipal de Urbanização, Departamento de Limpeza Pública e Superintendência de Planejamento. Os grevistas exigem pagamento de seus salários - atrasados desde novembro - e do 13º.

A prefeita Maria Luíza, do PT, que assumiu prometendo fazer uma gestão "socialista", preferiu apelar para velhos recursos capitalistas no tratamento da questão. Antes da

eclosão da greve, convocou uma reunião com os funcionários, onde tentou transformar o descontentamento dos trabalhadores numa forma de pressão contra a Nova República. Seu objetivo era conquistar uma concessão de Cr\$ 500 bilhões, por parte do governo federal, a fundo perdido para a prefeitura (dinheiro que não se precisa pagar). Uns poucos correligionários da prefeita, ligados ao PT e ao PR, aceitaram a ideia.

A maioria dos mil servidores presentes à reunião prefereu mesmo cobrar as promessas feitas por Maria Luíza na campanha eleitoral. "A senhora não

pode ser mais uma alga dos servidores", afirmou um dos funcionários municipais, muito aplaudido pelos colegas de trabalho, após descrever as agruras de vida do funcionalismo.

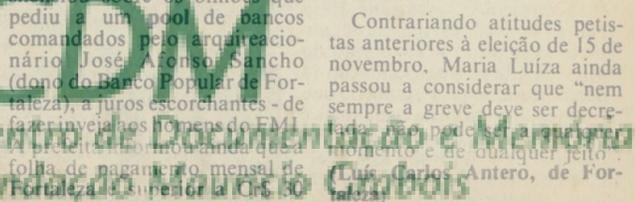
TENTANDO A DIVISÃO

Frustrada, Maria Luíza pediu então ao comando da reunião que mobilizasse os funcionários no sentido de pressionar o banco do Estado do Ceará, o Banco do Nordeste, o Banco Industrial e Comercial e o Banco do Brasil para que desafogasse o aperto financeiro da prefeitura. Mas silenciou sobre os bilhões que pediu a um pool de bancos comandados pelo arquitecônio José Afonso Sancho (dono do Banco Popular de Fortaleza), a juros escorchantes - de fato, revelou os homens do FMI no momento de qualquer jeito - e de qualquer jeito. Luíza Carlos Antero, de Fortaleza, pediu a Cr\$ 10

bilhões, e que a prefeitura tem somente Cr\$ 11 bilhões em caixa.

Depois, anunciou que não queria "dividir o movimento", mas que não fazia sentido "ficar com o dinheiro guardado, quando há gente precisando", e anunciou que iria pagar os setores da administração que têm "contato com o público", e lamentou que ela e o PT haviam caído numa "cilada da burguesia". A esta altura o Ginásio Aécio de Borba, onde se realizava a reunião, já estava se esvaziando.

Contrariando atitudes petistas anteriores à eleição de 15 de novembro, Maria Luíza ainda passou a considerar que "nem sempre a greve deve ser decretada, não pode ser a qualquer momento e de qualquer jeito". Luíza Carlos Antero, de Fortaleza, pediu a Cr\$ 10



Ex-presos acusam PF de homiziar torturadores

Está longe do fim o episódio que começou com o afastamento do superintendente da Polícia Federal no Ceará, João Batista Xavier, como ex-torturador, e levou à demissão do diretor geral da PF, coronel Luiz Araripe. Ao menos dois torturadores continuam chefiando a Federal, em Brasília (José Armando Costa) e no Pará (Roberto Felipe de Araújo Porto).

Seus nomes constam na lista de 444 torturadores divulgada pelos autores do livro "Brasil: nunca mais". E a denúncia é corroborada por numerosos ex-presos políticos de Fortaleza, onde eles atuaram nos anos 70.

Naquela época, a Polícia Federal cearense era dirigida por Laudelino Coelho, já falecido, e seus mais fiéis auxiliares eram Xavier e o doutor Porto. Muitas de suas vítimas sofreram perdas irreparáveis, como o estudante de medicina Paulo Veras, hoje doente mental em virtude de torturas, ou Edson Pereira, atual presidente do Sindicato dos Farmacêuticos do Ceará, que ficou tuberculoso no cárcere.

João Alves Gondin, que ficou preso de 1972 a 1979 e hoje é dirigente do PC do B no Estado, testemunha: "Fui preso pelo Xavier, Porto e mais um comando da

O vereador Lopes (de bigode), ex-torturado, e seu torturador, o doutor Porto, hoje na cúpula da PF



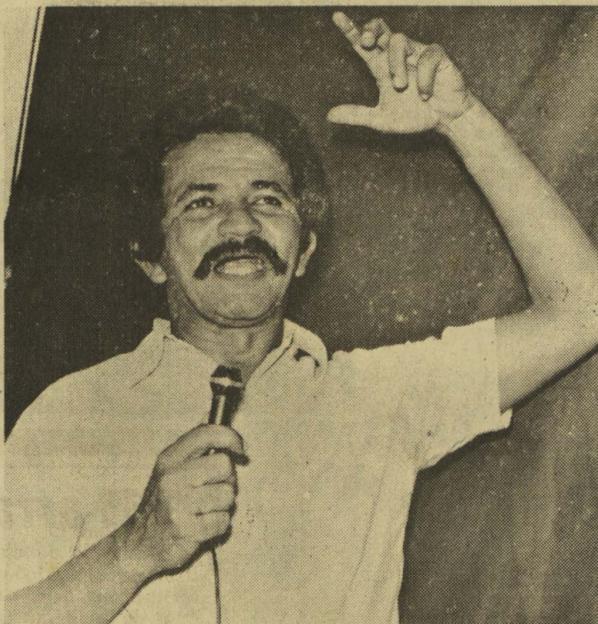
Polícia Federal. Xavier comandava pessoalmente meus interrogatórios. Sofri todo tipo de tortura."

Outra testemunha é Francisco Lopes, hoje vereador pelo PMDB em Fortaleza, preso quando era secundarista, por sua militância no PC do B. "Iniciavam a minha sessão de tortura de manhã cedo - relata Lopes -, e iam até altas horas da madrugada. Queriam saber sobre a Guerrilha do Araguaia, principalmente os cearenses que participavam dessa luta."

Lopes é categórico: "Alegar que é revanchismo a punição dos torturadores é querer elevar o torturador ao patamar de uma fun-

ção política. A tortura fere princípio elementar dos direitos humanos. Em qualquer país, quem pratica tortura tem que ser julgado pelos seus atos".

Enquanto o setores democráticos continuam, a exigir o afastamento dos outros dois torturadores identificados e ainda em seus cargos, outra questão vem à baila no episódio. O coronel Araripe, que demitiu-se em solidariedade a Xavier, era homem proveniente do Serviço Nacional de Informações, onde serviu desde os tempos de Castello Branco. Chegou ao comando da PF por interfeirência do general Medeiros, ex-chefe do SNI. E deixa, na cúpula da PF, gente inteiramente afinada com sua linha - como o delegado Romeu Tuma, da Federal de São Paulo, que manifestou sua solidariedade ao torturador afastado. E fica a pergunta: até que ponto os brasileiros terão de suportar a convivência com bolsões de servidores impenitentes da ditadura, como a cúpula da PF e o SNI?



Partido Comunista do Brasil forma bancada parlamentar na Bahia

Com as dependências da Câmara Municipal de Salvador repletas e a presença de destacadas lideranças democráticas, sindicais e populares, foi formada dia 14 a bancada comunista da Bahia, composta pelo deputado estadual Luiz Nova e vereadores Lídice da Mata, Jane Vasconcelos e Ney Campelo. Ela levará ao parlamento a voz dos explorados e oprimidos.

A solenidade foi aberta e dirigida pelo presidente da Câmara Ib Matos, do PMDB, que destacou que o PC do B se fortalecia com a presença de tão destacados vereadores, elogiando sua ação no combate às forças da reação e do atraso. Disse que os vereadores farão falta ao PMDB pela capacidade de luta demonstrada durante os três primeiros anos de mandato.

Os representantes do PC do B ressaltaram o passado de lutas do partido e sua atuação concreta nas jornadas pelas diretas já, pela anistia, contra a carestia, o apoio à eleição de Tancredo Neves e a ação na defesa dos interesses da classe operária, juntamente com os amplos setores democráticos e progressistas do país.

A líder da bancada do PC do B, Lídice da Mata, destacou que passaram-se vários anos de lutas adversas contra as oligarquias e a indústria do anticomunismo para que, hoje, "nós pudéssemos dizer, nesta sessão histórica, que 'somos PC do B'". A vereadora Jane Vasconcelos reafirmou a conduta do partido na luta contra a carestia, mortalidade infantil, desemprego e pelas mudanças na política econômica brasileira.

Ney Campelo, o vereador mais jovem da Câmara, após uma saudação entusiástica aos camaradas presentes, afirmou que o ingresso no PC do B não levará a uma ruptura com o PMDB e com as forças democráticas, e sim fortalecerá a unidade com todas as forças progressistas para realizar as mudanças no campo político, econômico e social.

O deputado estadual Luiz Nova, após dizer que "este ato político significa a afirmação do povo na luta pela consolidação da democracia no país", colocou que a bancada comunista nada mais é do que um instrumento do povo na luta para derrotar as oligarquias que dominam a Bahia, lideradas pelo "títtere de meia-tijela"

Antônio Carlos Magalhães.

SUCESÃO ESTADUAL

Representando a direção nacional do PC do B, Rogério Lustosa e o líder da bancada federal, deputado baiano Haroldo Lima, enfatizaram o processo sucessório na Bahia. Afirmaram que o partido continua disposto a fazer as alianças necessárias para levar adiante as mudanças no Estado, mas criticaram a forma pela qual o candidato do PMDB à sucessão estadual, ministro da Previdência Social, Waldir Pires, vem conduzindo o processo de negociação da chapa majoritária, onde privilegia os setores recém-egressos do PDS e desconsidera as forças oposicionistas históricas do Estado, como o deputado Francisco Pinto, o PC do B, o PT e o prefeito de Salvador, Mário Kertesz. A essas palavras, o plenário respondeu aos gritos:



Ney (em pé), Lídice, Jane e Luís Nova, a bancada do PC do B

"Waldir governador e Chico Pinto senador!"

Os prefeitos de Salvador, Mário Kertesz, e de Camaçari, Luiz Caetano, denunciaram as campanhas anticomunistas de que foram vítimas no processo eleitoral de 15 de novembro e ressaltaram a participação decisiva do PC do B nas suas vitórias e agora nos seus governos. O presidente regional do PMDB, Marcelo Cordeiro, e os líderes na Assembleia Legislativa e na Câmara, Galdino Leite e Sérgio Oliveira, afirmaram que seu partido sempre teve no PC do B um grande aliado em todas as campanhas democráticas travadas nos anos de ditadura.

O ato foi prestigiado por todas as bancadas dos partidos na Câmara, além de deputados estaduais, vereadores do interior do Estado, secretários da prefeitura de Salvador e Camaçari. Os parlamentares assinaram publicamente suas fichas de filiação ao PC do B, sob vibrante manifestação dos populares que gritavam: "1, 2, 3, 4, 5, mil, viva o Partido Comunista do Brasil!" (da sucursal)



Aldo Arantes propõe rumos ao PMDB-Goiás

"Após as eleições de 15 de novembro, o PMDB tem sofrido sérios abalos. Agora, surge um fato que pode levá-lo à ruptura e à divisão de suas forças progressistas. Esta divisão, fruto de processos adotados pelos segmentos que apóiam as candidaturas dos senadores Henrique Santillo e Mauro Borges, interessa às forças reacionárias e de direita de nosso Estado, pois abre caminho para que ambos fiquem à mercê de grupos conservadores e direitistas de dentro e fora do PMDB".

Esta afirmação é parte de um documento divulgado pelo deputado federal Aldo Arantes, onde o Bloco Popular do PMDB, do qual é coordenador estadual, conclama à unidade no partido, propondo às demais correntes combativas dentro do PMDB uma articulação progressista que tenha por objetivo lutar para que o partido se mantenha unido, adote um perfil avançado e garanta espaço político em seu interior aos setores comprometidos com as mudanças.

Em entrevista coletiva à imprensa, no último dia 12, o deputado federal Aldo Arantes esclareceu que o objetivo do Bloco Popular do PMDB é contribuir para que a articulação política em Goiás seja feita em torno de um programa e em função deste programa se escolham nomes capazes de colocá-lo na prática e garantir a unidade do partido.

Ele argumentou que o PMDB deve ter uma postura mais independente em relação ao governo e que "as forças democráticas estão sendo de certa forma alijadas do partido, e isso é inaceitável".

Aldo explicou que o Bloco Popular lutará para que seja forjada uma comissão executiva do PMDB com maior independência e mais identificada com o desejo de mudanças do povo brasileiro. Sobre o lançamento das candidaturas de Borges e Santillo ao Governo do Estado ele alerta que a divisão só pode servir à direita e que é necessário encontrar uma saída unitária que se defina claramente em torno de propostas progressistas. (da sucursal)

UJS anuncia o programa de seu congresso

A União da Juventude Socialista informa que para participar de seu II Congresso Nacional, dia 31, em Vitória, os Estados deverão comunicar-se com a Coordenação Nacional até 21 de janeiro, sobre a quantidade de pessoas que vêm. A taxa de inscrição será de Cr\$ 30 mil (alimentação e alojamento.) UJS - Rua da Abolição, nº 311, Bela Vista - SP - CEP 01319 - fone (011) 35-7412. A pauta será a seguinte: Dia 31: 9 hs - Abertura e entrega do prêmio (uma passagem para a Nicarágua) ao jovem que mais filiou na UJS em 1985; 14 hs. - Torneio Esportivo (eliminatórias); 17 hs. - Show-Cômicio pela Soberania Nacional; 21 hs. - Mostra Cultural (música, folclore, poesia) pelas delegações presentes. Dia 1º de fevereiro: 9 hs. - "A Juventude e a Constituinte" - debate; 14 hs. - torneio esportivo (semi-final); 19 hs. - debates (reforma da universidade, ensino de 2º grau e movimento sindical). Dia 2: 9 hs. - Organização da UJS e as entidades de massa; 14 hs. - final do torneio; 17 hs. - sorteio de uma Cafoi O Quê (Barrá Forte); 19 hs. - plenária final (aprovação das lutas e eleição da Coordenação Nacional)

Meio século de militância nas filas do PC do B

João Amazonas

A notícia chegou inesperada e me abateu. Henrique Felipe Santiago, velho companheiro de luta, faleceu em Belém no dia 21 de dezembro passado. Conheci-o quando ingressei no Partido, em abril de 1935. Era um dos mais entusiastas organizadores da Aliança Nacional Libertadora. Desde esse primeiro contato atuamos juntos no Pará. Participamos de lutas sindicais, de ações populares, de campanhas eleitorais e, sobretudo, do esforço por construir a organização revolucionária da classe operária.

Santiago militou no Partido Comunista do Brasil durante mais de 54 anos. Seu nome está ligado aos movimentos combativos que se realizaram neste último meio século na capital paraense. Viveu e morreu como proletário: sapateiro, depois motorneiro de bonde, mais tarde marítimo da navegação fluvial do Amazonas. Presentemente estava aposentado. Era pessoa simples, afável, com grande capacidade de relacionamento pessoal e político. Inatacável como cidadão, chefe de família pobre, companheiro de trabalho.

A resistência nas prisões e uma audaciosa fuga pelo rio Amazonas

Fomos presos muitas vezes. Em todas as prisões por onde passei encontrei o camarada Santiago: nos xadrezes imundos da Central de Polícia, na cadeia medieval de São José, na Delegacia do Umarizal. Sempre se portou com dignidade e firmeza frente ao inimigo de classe. E sempre procurou estabelecer nos cárceres entre os presos políticos um clima de fraternidade, de espírito de luta, de disciplina, de confiança no povo.

Em 1941, quando a Alemanha de Hitler agrediu a União Soviética, estávamos no presídio da rua D. Romualdo de Seixas. Santiago manifestou sua veemente condenação a esse ato de banditismo, condenação impregnada do nobre sentimento de internacionalismo proletário. Impunha-se sair da prisão, reconquistar a liberdade, à força, se necessário, a fim de continuar a luta contra o fascismo e reestruturar o Partido, que sofrera duros golpes. Discutimos a fuga meticolosamente, bem como o destino de cada um de nós. Enquanto eu e Pomar deveríamos alcançar o Rio de Janeiro pela rota do Tocantins, Santiago seguiria com Benedito Serrão para Manaus, e Agostinho Oliveira ficaria na Fordlândia. O audacioso esquema de saída da prisão indicava que Santiago seria o último a abandonar o presídio. Ele vigiaria a saída dos demais. E assim aconteceu. Ao chegar a sua vez teve de improvisar: já não podia sair pela porta da frente, a chuva que facilitava a fuga cessara. Escalou o muro alto dos vizinhos e calmamente explicou aos moradores assustados o motivo da saída, pediu-lhes silêncio e ajuda. E retirou-se tranquilamente.

Voltamos a nos encontrar em 1945 na instalação legal do Partido em Belém, no Teatro da Paz. Santiago era o secretário-geral no Pará. Ao seu lado na direção partidária, encontravam-se prováveis líderes sindicais: Edgar de Assis Pantoja, bombeiro hidráulico; Antônio Santos, gráfcio; Antônio Cordeiro, operário; Argemiro Nascimento,

transviário; Otaviano Santos, marítimo; Santinho Figueiredo, chofer; Raimundo Gomes, pedreiro; Djalma Hartery, telegrafista; Ritacínio Pereira, médico. Na ocasião, Santiago pronunciou um discurso no qual analisava a situação reinante, apontava as causas dos males que afligiam as massas e indicava medidas urgentes a serem tomadas para ajudar o povo a superar as dificuldades.

Sob a direção do camarada Santiago o Partido cresceu e ligou-se às massas. Nas eleições de janeiro de 1947, foi eleito deputado estadual pela legenda do Partido. Era uma atividade nova para ele. Não obstante enfrentou-a com serenidade e seriedade. Mais tarde, teve seu mandato cassado arbitrariamente. Imperturbável, continuou dirigindo o Partido na clandestinidade cumprindo suas tarefas.

Durante o longo período da ditadura militar perdemos o contato direto com o camarada Santiago. Logo que o reencontramos alinhou-se, com alegria e entusiasmo, nas fileiras do seu partido - o Partido Comunista do Brasil. Ainda em outubro passado estive mos juntos num ato realizado na Assembleia Legislativa do Pará. Expressava sua satisfação pelo rápido crescimento do Partido e mostrava-se disposto a ajudar com sua experiência e fortalecimento e a consolidação da organização partidária.

As bandeiras dos revolucionários se inclinam em honra a Santiago

Em sua larga e fecunda atividade comunista, Santiago foi assim: homem modesto, sem pretensões de nenhuma espécie; fiel e abnegado construtor do Partido: tantas vezes a reação golpeou-o tantas outras empenhou-se em reconstruí-lo, o Partido era a razão de ser da sua vida; nas horas difíceis do ataque violento do inimigo não se deixava abater, sabia que afinal a vitória seria do socialismo marxista; nunca disputou posições, nem correu atrás de um cargo, tinha como lema: cada um no seu posto o militante de valor dá sua contribuição desprendida ao Partido e à revolução onde quer que se encontre; jamais colocou interesses pessoais acima dos interesses maiores do Partido e da luta de classes; amava o povo e odiava os opressores; os explorados e oprimidos, como ele mesmo, eram o centro de sua preocupação política. Santiago compreendia que o Partido, nascido do povo e mantido pelo povo, somente venceria plantando raízes profundas no seio das massas populares, estreitamente vinculado à classe operária.

Morreu de repente, quando esperava trabalhar muito ainda pelo Partido e pela vitória dos trabalhadores. Foi um comunista exemplar, operário consciente da missão que cabe à sua classe - a de enterrar o capitalismo e construir o mundo da liberdade e da justiça social, o universo da fraternidade e da felicidade do povo.

Inclinamos, neste trigésimo dia da passagem de sua morte, as bandeiras comunistas em homenagem a Henrique Felipe Santiago, sapateiro, motorneiro de bonde, militante organizado e dirigente político, abnegado militante do Partido proletário revolucionário.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Problemas nas alianças

Em todos os Estados a discussão sobre os candidatos a governador e senador entrou na fase decisiva. Em muitos lugares parece que certas correntes democráticas não compreenderam até o momento o processo político que sacode o país, além de não conseguirem tirar as lições mais elementares da luta eleitoral travada em 1985 para as prefeituras.

CONCEPÇÕES SUPERADAS

Existem certas lideranças que ainda imaginam compor chapas com bases em antigos currículos eleitorais. Fazem as contas como um comerciante: tantos votos aqui, tantos votos dali e pronto. Não percebem que o que tem força em nossos dias é a unidade para mudar. Foi isto que aconteceu com a ampla frente formada em torno de Tancredo Neves, para vencer o regime militar. A passagem para a oposição de setores até então ligados ao velho regime foi entendida pelo povo porque levava ao enfraquecimento do esquema político dos generais e abria caminho para a democracia.

Hoje, simplesmente buscar alianças com elementos saídos do PDS, mas sem levar em conta a fisionomia democrática e "mudancista" da chapa formada, não corresponde ao pensamento do povo e não empolga a opinião pública. Por isto não tem força eleitoral. Este esquema de acordos está superado. Prova disto é que o PDS - uzeiro e vezeiro nestas articulações - está em rápida extinção.

Por outro lado, sobrevive ainda a concepção de que a eleição é a oportunidade de certos grupos, que se impõem truculentamente em determinado partido, galgarem o poder, açambarcarem os cargos mais importantes e alijarem seus concorrentes. Quem pensa desta forma esta desafiado com o interesse maior do povo de levar adiante o processo iniciado com a campanha das diretas para promover transformações em profundidade no país. Na batalha de 1985, venceram os candidatos a prefeito que souberam promover o entendimento amplo, sem discriminações e com bandeiras democráticas avançadas. Foram derrotados os que se revelaram temerosos de abraçar a causa popular e que fizeram uma campanha estreita, calcada nas panelinhas e nos interesses menores.

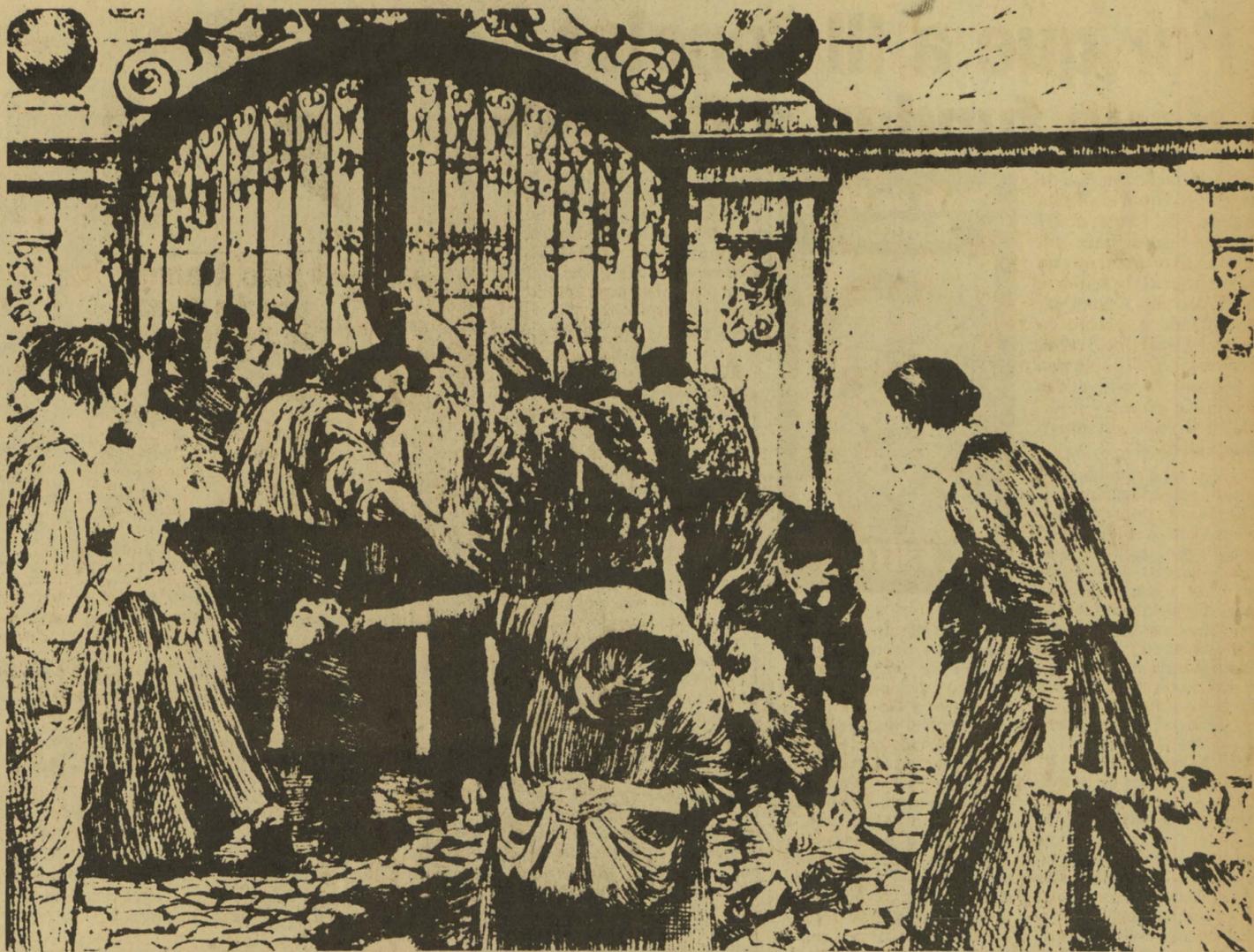
ARMADILHAS PERIGOSAS

Tanto um comportamento como o outro abrem espaço para as correntes de direita. Fragmentam a frente democrática e perdem o apoio de massas. Na Bahia, Goiás, São Paulo e outros Estados estas atitudes se manifestam.

Mas, diante desta ameaça, os trabalhadores precisam evitar duas armadilhas desastrosas. Uns, tirando onda de muito radicais, declaram logo: "Não temos nada com isto. Trataremos de formar a nossa própria chapa". Precipitam com isto a divisão dos democratas e, além de se condenarem ao isolamento, deixam aberta a possibilidade de uma vitória fácil dos reacionários. Outros, posando de muito sensatos, convidam à capitulação. "O que se há de fazer" - dizem eles - "agora é ver se dá para ganhar".

ASSUNTO DE TODOS

Ocorre que a formação das chapas majoritárias não é assunto interno do PMDB, e sim de todas as forças democráticas interessadas em varrer o entulho autoritário e dar prosseguimento às mudanças. E, mesmo no PMDB, é inaceitável que um grupo monopolize as decisões. Desta forma, aos trabalhadores, às forças populares e progressistas, o que interessa é exigir uma chapa unitária e comprometida com o progresso e com a liberdade. "Muda Brasil" e "Não vamos nos dispersar" continuam sendo orientações básicas para o momento. E as composições políticas têm que levar em conta o quadro nacional, e não ficar restritas aos problemas locais. (Rogério Lustosa)



O que quer a trabalhadora

O I Congresso da Mulher Trabalhadora, a realizar-se de 17 a 19 de janeiro em São Paulo, marca uma retomada da mobilização das trabalhadoras brasileiras, reflexo do período de avanço da democracia que vivemos.

Dois eventos semelhantes já ocorreram no Brasil. O primeiro foi em maio de 1956, quando teve lugar no Rio de Janeiro a Conferência Nacional de Trabalhadoras, com a participação de 261 delegadas de 12 estados reivindicando creches, direitos para as lavradoras, campanha de sindicalização para as mulheres e elaboração de novas formas de proteção das trabalhadoras.

O outro conhecimento do gênero foi o Encontro Nacional da Mulher Trabalhadora, ocorrido em 1963 em São Paulo, que discutiu a aplicação efetiva das leis sociais e trabalhistas em defesa da mulher.

O I Congresso pode representar um salto de qualidade na mobilização das trabalhadoras. Espera-se representantes de todo o país e o número de delegadas deve ultrapassar 2 mil. Além disso, o material aprovado pela coordenação nacional para discussão constitui um passo adiante no nível de intervenção da mulher trabalhadora no cenário político e sindical.

As teses abordam questões candentes e atuais como suspensão do pagamento da dívida externa, a reforma agrária antilatifundiária, a Constituinte e a exigência de condições efetivas para maior participação da trabalhadora na vida política, econômica e social, como a construção de creches nos locais de trabalho e moradia. Combatem todas as formas de discriminação da mulher no trabalho, na atividade política, sindical e social. A única lacuna é a falta de uma postura mais definida sobre a questão do controle de natalidade, que já começa a ser aplicado sem nenhum critério em São Paulo pelo prefeito Jânio Quadros.

A seguir os principais trechos das teses:

Trabalhadora e política nacional

No momento em que o povo e os democratas brasileiros lutam para consolidar a democracia e por melhores condições de vida, exigindo da Nova República medidas no plano econômico e social, as trabalhadoras, importante contingente da população feminina, estão chamadas a intervir de forma mais organizada e decisiva no cenário político, posicionando-se sobre questões vitais para os destinos da nação. São a favor de uma reforma agrária antilatifundiária que possa dar terra àqueles que a trabalham, pondo fim ao atraso do campo e acabando com um dos principais entraves ao desenvolvimento do país, o latifúndio. Posicionam-se pela suspensão do pagamento da dívida externa, uma das principais causas da bancarrota da economia e da miséria do povo brasileiro.

As trabalhadoras estão lado a lado com seus companheiros na luta pela semana de 40 horas sem redução salarial, pela trimestralidade e pelo direito de formar comissões de fábrica. Querem estar presentes na principal batalha política que se avizinha e que será decisiva nos rumos da nação, a Assembleia Nacional Constituinte.

Por certo este Congresso histórico fará um melhor diagnóstico da situação da mulher trabalhadora e sistematizará uma pauta de reivindicações capaz de mobilizar o conjunto das trabalhadoras e fazer avançar seu nível de intervenção nos sindicatos e na vida política, econômica, social e cultural.

Situação das trabalhadoras

Condições de vida e trabalho

Apesar de nas últimas décadas ter aumentado a participação da mulher na população economicamente ativa no Brasil, ela ainda está longe de alcançar uma situação de igualdade com os homens na produção das riquezas do país. A mulher ainda é discriminada nos salários, no acesso à profissionalização, no tratamento que recebe dentro das empresas e na dupla jornada de trabalho, entre outras formas de discriminação.

Para barrar essa discriminação propomos: medidas que garantam de fato salário igual para trabalho igual, com registro em carteira da verdadeira função que a mulher exerce; garantia de todos os direitos trabalhistas a todas as trabalhadoras (camponesas, empregadas domésticas etc.); maior fiscalização com a participação de mulheres no cumprimento da legislação pelas empresas.

Apesar da Constituição brasileira dizer no seu artigo 153, §1º, que "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de sexo, raça, trabalho, credo religioso e convicções políticas", várias leis ordinárias, principalmente no que se refere à família e ao trabalho, contrariam essa garantia. Por isso, a modificação e aplicação das leis passa pela elaboração de nova Constituição.

Medidas urgentes, no entanto, como a reformulação da CLT e cumprimento efetivo, com medidas efetivas de proteção ao trabalho feminino, precisam ser analisadas em separado: por uma CLT extensiva a todas

as categorias profissionais; pela não dependência de autorização do marido para o trabalho da mulher casada; pela estabilidade de um ano para a gestante; pela reformulação dos artigos referentes às creches no local de trabalho.

A trabalhadora rural

Fruto da brutal concentração da terra e de uma política que só favorece o latifúndio e expulsa o trabalhador do campo, a trabalhadora rural vive uma situação de intensa exploração: milhares de camponesas de todo o Brasil prestam serviços sem remuneração e 38,9% das trabalhadoras nesta situação estão no campo. Se ela trabalha em propriedade familiar seu trabalho não é reconhecido por lei.

Segundo dados de 1983, menos de 7% das lavradoras têm carteira assinada. Na entressafra as mulheres são as primeiras a serem demitidas. Na velhice não têm aposentadoria, quando o marido se aposenta. A pensão que recebem pela morte do marido é de meio salário mínimo. Se o marido é aposentado pelo amparo previdenciário e vem a falecer, sua mulher não é amparada pela pensão.

Para começar a modificar essa situação propomos: aplicação do Plano de Reforma Agrária, com assentamento das famílias sem terra, absorção legal dos posseiros vítimas de grilagem; integração de mulheres nos comitês de reforma agrária; extensão dos benefícios e direitos trabalhistas à trabalhadora rural; direito de título de posse da terra às mulheres chefes de família viúvas, abandonadas ou solteiras; direitos trabalhistas e previdenciários às mulheres empregadas em empresas

familiares.

A empregada doméstica

As empregadas domésticas representam 20% da População Economicamente Ativa feminina no Brasil. A grande maioria dessa categoria recebe 60,2% do salário mínimo. A lei 5.859/72 que regula o trabalho da empregada doméstica é muito vaga no tocante à duração da jornada de trabalho, especificando apenas o repouso de 8 horas consecutivas entre as jornadas e um domingo por mês de folga. Esta comissão dá ensejo a que a jornada habitual seja prolongada numa atividade que pelo seu caráter rotineiro e subordinado é extremamente cansativa. Além disso, as empregadas domésticas estão excluídas do gozo de quaisquer facilidades como creches, legislação de proteção materno-infantil etc. Por isso pleiteiam: garantia de salário mínimo, da limitação da jornada de trabalho e de alimentação; férias e 13º regulamentados pela CLT, inclusive nos casos de demissões; garantia de repouso de 11 horas entre as jornadas de trabalho e de descanso semanal de 24 horas consecutivas, além de feriados; aviso prévio de 8 dias no mínimo nos casos de rescisão do contrato.

Atuação da mulher nos sindicatos

Participação das mulheres nas entidades sindicais

A participação das mulheres nos sindicatos não aumentou na mesma proporção que sua participação no mercado de trabalho. Constatamos que o sindicato ainda é uma das instâncias em que as mulheres menos participam, pois os obstáculos como a dupla jornada de trabalho e os preconceitos são muitos. Mesmo em categorias de composição majoritariamente feminina, como professores, comerciários, têxteis e vestuários ainda é irrisório o número de mulheres desses sindicatos.

Torna-se importante encontrar mecanismos para que as conquistas avancem e garantam a elevação do nível de consciência e participação da trabalhadora. Nesse sentido propomos: que a nova Central Sindical a ser criada em março e estrutura seu departamento feminino; levando em conta as particularidades da composição de cada categoria, deve-se criar comitês femininos ou comissões de mulheres nos sindicatos,

federações e confederações visando trazer as mulheres para a entidade, contribuir para que as diretorias sindicais tomem iniciativas visando elevar o nível de participação da mulher e garantir que o conjunto da categoria assumam as reivindicações das mulheres, incluindo-as como cláusulas importantes dos dissídios da categoria.

A mulher e a Constituinte

Mulher e Constituinte

A discussão dos grandes temas nacionais interessa igualmente às mulheres, assim como sua situação específica na sociedade. Devemos garantir a participação feminina no debate e na elaboração de uma Constituinte moderna, democrática e progressista, que garanta, nas questões específicas: que a mulher possa ter assegurado seu direito à maternidade e o Estado assumam seu dever de assegurar esse direito, assim como a assistência às mulheres que não queiram ter filhos para que possam decidir livremente sobre isso; que o Estado assumam a responsabilidade pela educação das crianças a partir dos 4 anos e defina uma política de guarda, proteção e educação às crianças até os 4 anos, principalmente no caso das mães que trabalham; que a Constituição estabeleça novos Códigos nos aspectos familiar e penal, de forma a permitir a elaboração de leis mais modernas e adequadas às transformações profundas ocorridas em nosso país nos últimos 20 anos.

Participação e mobilização das mulheres

Que sejam promovidos em todos os sindicatos, associações, federações e confederações debates específicos sobre a mulher trabalhadora e a Constituinte para garantir o debate, a maior participação e a presença das reivindicações mais sentidas das mulheres na nova Constituinte. Que sejam eleitas mulheres que representem nossos interesses, bem como candidatos comprometidos com a luta do povo e das mulheres. Que se incentive a mulher trabalhadora a assumir sua plena cidadania participando do partido político que melhor encampe suas ideias para que ela possa contribuir com sua participação de cada categoria, deve-se criar comitês femininos ou comissões de mulheres nos sindicatos,

DE OLHO NO LANCE

Falsos democratas

Há dois meses o PT ajudou Jânio Quadros a vencer as eleições em São Paulo. Chegou a teorizar sobre o assunto, negando que Jânio representasse um retrocesso e dizendo que a Nova República é a mesma coisa que o velho regime. Só o PT é que é "diferente de tudo".

Agora, diante da evidência das atitudes fascistas, antipovo, o PT tenta escapar pela porta dos fundos, propondo uma "frente de massas" contra Jânio. Coisa que na prática o PT recusou em novembro. E arrogantemente já fala que só em certas ocasiões o PMDB entrará nesta articulação, pois este partido faz parte da Aliança Democrática, junto com o PFL. Puro diversionismo. A prática mostrou quem de fato queria derrotar o candidato de Maluf e Delfim e quem dividiu os votos democráticos facilitando sua vida.

No combate ao novo prefeito, evidentemente que não cabe nenhuma discriminação. Quem foi iludido pela propaganda petista poderá fazer sua autocrítica somando com as forças democráticas. Mas é indispensável apontar as responsabilidades desmascarar os falsos pregadores da unidade para que o movimento de massas eleve seu nível de consciência. O divisionismo não serve ao povo e o PT não pode negar esta sua traição.

Por que a III Conclat deve fundar a CGT?

A realização em fins de março próximo, em Praia Grande, São Paulo, do III Conclat representará um significativo momento na vida sindical brasileira. Nesta reunião deverá ser formalizada a criação da Central Geral dos Trabalhadores (CGT) e com isso se consumará, a nível das direções e cúpulas sindicais, a divisão do movimento sindical.

Longo foi o caminho percorrido até se chegar a essa situação. As forças democráticas e mais conseqüentes sempre propugnaram que, para potenciar ao máximo sua força e sua combatividade, o sindicalismo deveria manter-se unido política e organicamente. É isso se materializaria na existência de um sindicato único por categoria e de uma só Central Sindical, representante de todo o movimento.

UM NOVO PATAMAR

As concepções divisionistas e pluralistas de há muito procuravam meios de se infiltrar e se implantar na estrutura sindical brasileira. Aproveitando-se do vazio de lideranças e da desestruturação do movimento, causados pela repressão dos anos de ditadura militar, e amplamente apoiados e financiados com dinheiro estrangeiro, setores da Igreja, várias tendências trotskistas e sindicalistas ditos "autênticos" formaram uma "santa aliança", que foi o instrumento principal da burguesia, local e estrangeira, para dividir o movimento sindical. A expressão organizativa dessa divisão é a auto-proclamada CUT. A estreiteza política e o sectarismo grupista dessas forças e dessa entidade inviabilizaram todas as tentativas de reunificação do movimento em uma única central.

A realidade colocou a luta em defesa da unidade do movimento sindical em um

Ponto de Vista Sindical



R. FREITAS

novo patamar. Inviabilizado o caminho da reunificação através de um Congresso unitário e de uma só central, e sendo absolutamente incompatível uma ação sindical orientada pela concepção e métodos da CUT, colocou-se para os sindicalistas realmente democráticos, sintonizados com o momento de mudanças que vive o país e que não aceitam a partidização das entidades sindicais, a tarefa de, junto com outras forças, estruturarem uma central sindical ampla, que sirva de pólo aglutinador e unificador do movimento. O III Conclat, de março próximo, ao formalizar a criação da CGT, será o coroamento desse processo e deverá ser também um momento de reafirmação da luta pela unidade política e organizativa do movimento dos trabalhadores.

A situação que vive nosso país de dependência acentuada e continuada ao capital estrangeiro, através principalmente da dívida externa; a explosiva situação do campo, a exigir uma imediata e profunda reforma agrária; as difíceis condições de vida e trabalho dos

assalariados, particularmente dos operários; enfim, a vasta e multilateral crise que atinge o nosso país neste momento de transição democrática como que traçam o perfil da nova central que está surgindo.

INSTRUMENTO DE LUTA

É necessário que esta esteja sintonizada com a luta mais geral do conjunto do povo brasileiro pelas mudanças de fundo que a nação exige. Antes de mais nada, ela deve lutar para manter e ampliar as liberdades políticas e sindicais conquistadas, exercendo assim um apoio crítico à Nova República. Ela também deve ser um instrumento de luta do movimento sindical e de todo o povo pela suspensão do pagamento da dívida externa - pois nenhum de nossos problemas será resolvido enquanto, para manter o pagamento da dívida, formos sangrados em todo o esforço produtivo da nação.

Além disso, a CGT precisa ser um instrumento de mobilização e apoio de toda a nação à luta do movimento camponês por uma reforma agrária antilatifundiária, que resolva de vez a situação crítica do nosso campo. Isso se concretiza no apoio e exigência de implantação e ampliação do Plano de Reforma Agrária da Nova República.

Por último, necessita ser uma entidade dinâmica e combativa na luta e organização do movimento sindical em todas as frentes, principalmente na defesa das bandeiras e reivindicações mais sentidas e, porque não dizer, consensuais dos trabalhadores, tais como: semana de 40 horas sem redução salarial; reajuste trimestral de salário; estabilidade de um ano no emprego; reconhecimento e implantação das comissões de fábrica.

NOVA TRINCHEIRA

O surgimento da Central Geral dos Trabalhadores (CGT) é um novo elemento da realidade sindical que se delineia em nosso país.

Além dela existirá a CUT e já se fala em uma terceira central, a ultra-direitista USI (União Sindical Independente). Isso tudo coloca para os sindicalistas realmente comprometidos com um sindicalismo avançado esforços redobrados no sentido de dinamizarem a militância sindical, aumentarem a capacidade de mobilização e luta dos sindicatos e transformarem os sindicatos em bastiões da luta política e econômica da classe operária e demais trabalhadores.

A luta pela unidade continuará em nova trincheira e a vitória dela, se bem que certa e garantida, exigirá de todos muito empenho, muita coerência e muita competência.



Foto: Sucursal

Os rodoviários cearenses aclamam a nova diretoria, eleita com 80% dos votos, apesar de Maria Luíza

Motoristas esmagam pelego que aliou-se com o PT

Acabou-se o longo reinado do pelego José Soares no Sindicato dos Rodoviários do Ceará (25 mil trabalhadores na base). Nos dias 10 a 12, apesar dos esforços de Soares e do PT da prefeita Maria Luíza, os motoristas, cobradores, fiscais e mecânicos deram 2.002 votos (80%) à Chapa 2, encabeçada por Assis, contra 152 votos para a Chapa 1 e 322 para a 3.

As duas chapas derrotadas eram compostas por gente da antiga diretoria, notória por seu peleguismo, com a particularidade de que a Chapa 3, presidida pelo secretário, Sampaio, teve o apoio da CUT-PT e da prefeitura, que empenhou-se pessoalmente na eleição. No primeiro escrutínio a Chapa 2 já saíra vencedora, mas devido a manobras não houve quórum.

Durante a apuração, a aglomeração em frente ao Sindicato era grande, pois a disputa envolvia uma entidade especialmente importante. Os ônibus são o único meio de locomoção de mais

de quatro quintos da população da Região Metropolitana de Fortaleza; ou seja, quando a categoria entra em greve, como ocorreu em novembro último, a cidade pára, o comércio e a indústria fecham as portas.

"O PT TRAIU A GENTE"

Como o antigo presidente já estava irremediavelmente desmarcado (teve 6% dos votos), a discussão entre os motoristas concentrava-se na Chapa 3, do "peleguinho" Sampaio. E causou particular revolta o apoio da prefeitura à Chapa 3. Maria Luíza chegou a distribuir santinhos, com o seu retrato, pedindo votos para Sampaio (que teve 12,9% dos votos).

O motorista Francisco Rodrigues era um que não escondia a indignação, repetindo sem parar: "Eu sou conterrâneo da prefeita,



Foto: Sucursal

Assis, agora presidente: "Óxente, óxente"...

nascemos lá no Quixadá. Eu deramei meu suor pelo PT para colocar a deputada na Prefeitura. Como é que a Maria Luíza pode ter traído a gente, apoiando um pelego como o Sampaio, que está há seis anos no Sindicato e nada fez por nós? Minha revolta ainda aumentou quando um rapaz da CUT veio, na semana passada, me forçar a apoiar a chapa do Sampaio, dizendo que era a mais combativa. Eu disse pra ele que a CUT devia deixar a nossa categoria em paz, pois ela estava era fazendo campanha para jogar a nossa classe contra a própria classe".

Outro exaltado era o cobrador Pedro Ferreira, que dizia: "Como é que pode, nós apoiamos e ajudamos a Maria Luíza a se eleger e agora ela vem aqui pro nosso Sindicato apoiar um pelego. O PT traiu a gente!".

Pedro foi um dos diversos motoristas que praticamente expulsaram da porta do Sindicato a

componente do secretariado de Maria Luíza, Rosa da Fonseca, que numa tentativa desesperada tentava cumprimentar os vencedores. "Deixe de ser falsa, você apoiou o Sampaio!" - gritavam os trabalhadores. O PT e a CUT pagaram, assim, um alto preço por tentar da noite para o dia fazer passar um pelego por "sindicalista combativo".

Outro ponto de atrito entre os rodoviários e a nova administração municipal - informa Jó, membro da diretoria eleita - é o aumento das multas cobradas pela Prefeitura. Um motorista que ande com a porta dianteira aberta pagava Cr\$ 7 mil de multa; agora, pagará Cr\$ 13 mil. Para o uso de chinelas em serviços, a penalidade saltou de Cr\$ 3 mil para Cr\$ 9 mil. A licença que a Prefeitura obriga os motoristas a renovar a cada três meses era gratuita, mas com Maria Luíza custa Cr\$ 13 mil.

"VITÓRIA DE TODOS NÓS"

Quando saiu o resultado, a emoção contagiou a todos. Ailton, segundo-secretário eleito, repetia: "Nossa categoria votou na gente por saber que nós somos de luta, e que o Sindicato não pode ser coisa de um partido só, pois para sermos fortes temos que estar unidos na luta com todos os companheiros, independente da cor, raça e religião".

Em seguida houve uma passeata, aos gritos de "Óxente, óxente, Assis é presidente!", até o principal terminal de ônibus de Fortaleza, na Praça José de Alencar. Ali, perante numerosos trabalhadores, Assis assumiu o compromisso de não decepcioná-los. "A vitória - afirmou - não foi minha ou da Chapa 2, mas de todos nós. Agora nossa tarefa é reconquistar o nosso piso salarial, de quatro salários mínimos para motoristas, dois para cobradores e dois e meio para fiscais, unir a nossa categoria para nos tornarmos mais fortes e avançarmos nas nossas conquistas".

Quando o velho pelego José Soares, sofreu um castigo tão merecido por parte da categoria que, no dia da apuração, nem teve a coragem de estar presente. Já antevia qual seria o resultado... (Donizete Arruda, da sucursal)

CONCLAT-83

CONGRESSO NACIONAL DA CLASSE TRABALHADORA
PRAIA GRANDE de 04 a 09 de NOVEMBRO 1983



Conclat-83 aprova a união, que não se concretiza

Conclat gaúcha elege diretoria e avança na sua estruturação

A Conclat do Rio Grande do Sul ganhou forte impulso na sua estruturação com a eleição, no último dia 10, de uma diretoria regional provisória. Esta terá como papel assumir todas as tarefas de preparação do Congresso Nacional da Intersindical, em março, que deve formar a CGT. O encontro que elegeu a direção provisória foi bastante representativo, reunindo 103 entida-

des sindicais, entre os quais se destacaram vários sindicatos de metalúrgicos, vestuário, construção e comerciais.

No encontro os sindicalistas defenderam a necessidade da criação imediata de uma central sindical ampla e combativa. José Carlos Schulte, presidente da Federação dos Comerciantes, destacou que "nós participamos deste evento com o

objetivo de reforçar a formação da CGT". Ele também fez duras críticas à CUT, afirmando que "esta central é financiada pelo capital estrangeiro e serve aos interesses de dividir o movimento sindical". Os congressistas ainda decidiram realizar esforços junto ao Senado para que o mesmo rejeite a Convenção 87 da OIT.

(da sucursal)

As polêmicas do Congresso da Andes

De 19 a 24 de janeiro os professores das universidades brasileiras estarão discutindo seus principais problemas no V Congresso da Andes (Associação Nacional dos Docentes no Ensino Superior), na Bahia. Nele serão analisadas a conjuntura e o movimento docente; universidade; plano de carreira; campanha salarial; e questões organizativas. Aguarda-se a presença de 400 participantes, com 200 delegados de todo o país.

O professor João Augusto Rocha, presidente da Associação dos Professores Universitários da Bahia (Apub), acredita que o congresso terá acalorados debates, principalmente no que se refere à avaliação da postura do governo da Nova República. A atual diretoria da Andes, de maioria petista, tem negado qualquer assistência às mudanças ocorridas com o novo governo. No ano passado, ela havia defendido o boicote ao Colégio Eleitoral, afirmando que "Tancredino e Maluf representavam a mesma coisa".

Para João Augusto, a realidade

demonstrou que esta é uma visão equivocada. "Com a Nova República, o povo avançou em conquistas importantes, principalmente no campo das liberdades políticas. Ao analisar o desempenho do governo Sarney, cabe saudar as vitórias democráticas e criticar as vacilações e erros na efetivação das mudanças exigidas pelo povo".

Sobre a universidade brasileira, o congresso deve manter as antigas reivindicações dos professores, particularmente a isonomia salarial, a defesa de uma universidade que ataque com vigor os problemas que o país enfrenta e o ensino público e gratuito. Uma das propostas a ser avaliada é a introdução do ensino noturno, evidentemente com a ampliação das vagas para docentes e funcionários.

O professor João Augusto também defendeu o boicote ao Colégio Eleitoral, afirmando que "Tancredino e Maluf representavam a mesma coisa".

pelo Ministério da Educação para analisar os problemas das universidades. A diretoria da Andes manteve uma posição estreita de considerar a comissão um engodo, daí ter até negado a autorização para que um de seus diretores, Carlos Martins, participasse dela. João Augusto critica esta postura sectária e propõe que os docentes discutam o documento, "que traz proposições progressistas".

Na avaliação do dirigente da Apub, outros dois pontos gerarão grande polêmica: a questão da filiação à Conclat ou à CUT e a discussão sobre o processo eleitoral da nova diretoria da Andes. Quanto ao último item, existem duas articulações disputando o pleito. Uma ligada mais ao PT e outra envolvendo setores independentes e do PC do B. Na opinião de João Augusto, a atual diretoria teve vários erros e precisa ser renovada. "Com ela, a Andes não ocupa os espaços políticos que têm sido abertos pelas forças democráticas e progressistas da sociedade". (da sucursal)

Princípios

Já está à venda a revista Princípios número 12. Ela traz vários artigos de interesse, como "A imprensa a serviço dos monopólios"; "25 anos de combate ao revisionismo"; "Literatura Brasileira e seu conteúdo social"; e uma bela poesia sobre a Guerrilha do Araguaia. Preço de capa: apenas Cr\$ 12 mil. Pedidos à Editora Anita Garibaldi (Av. Brigadeiro Luís Antônio, 1511, São Paulo, CEP: 01317).

Jornaleiros param exigindo melhores relações comerciais

Revoltados com a exploração das grandes editoras, os 150 jornaleiros de Goiânia deflagraram greve para conquistar bases mais justas nas suas relações comerciais. O movimento também atingiu cidades de outros Estados e tende a se generalizar no país.

Os jornaleiros reivindicam o pagamento de 30% de comissão sobre o preço de capa das revistas e o fim do pagamento à vista das publicações - as chamadas "consignações". Atualmente, apenas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro a categoria recebe 30% de comissão sobre o preço das revistas. No interior paulista esta porcentagem cai para 18%; nas demais capitais é de 20%. Com base nessas diferenças, as editoras tudo fazem para dividir os jornaleiros.

Quanto à obrigatoriedade do pagamento à vista das revistas - ou da consignação - a categoria considera uma forma de exploração "insustentável", já que, embora os jornaleiros paguem a mercadoria à vista, às vezes levam meses para vendê-la sem nenhum acréscimo. Por isto, exigem que o pagamento seja efetuado após a realização da venda.

Marcos Araújo, jornalista goiano que integra o Comando Nacional de Mobilização da categoria, afirma que "a intransigência das editoras somente agravará a situação, pois as publicações que não estamos pagando ficarão defasadas com o correr dos dias. Queremos sentar à mesa de negociações, mas somente o faremos se forem levadas em consideração as nossas reivindicações, engasgadas durante anos em nossas gargantas", acrescentou. O deputado federal Aldo Arantes, do PMDB, e o vereador Euler Ivo, presidente regional do PC do B, estiveram no último dia 13 no piquete dos jornaleiros em Goiânia, emprestando total apoio à categoria. (da sucursal)

"Socialismo moreno" de Collares quer expropriar camelôs

O prefeito Alceu Collares, do PDT, defendendo interesses dos comerciantes do centro de Porto Alegre e seguindo a trilha fascista de Jânio Quadros, determinou ao secretário da Indústria e Comércio, Cleón Guatimozini, que retirasse os vendedores ambulantes das ruas Vigário José Inácio e dr. Flores. A ordem foi cumprida com rigor e violência, os ambulantes afastados brutalmente por fiscais da Prefeitura e uma brigada da Polícia Militar. As mercadorias foram todas apreendidas, embora não tenha sido elaborado nenhum auto de apreensão.

A resposta dos trabalhadores ambulantes não tardou. Mobilizados e unidos, encaminham-se à Câmara dos Vereadores, obtendo o apoio dos parlamentares. O prefeito do PDT, acuado, acabou forçado a recuar, permitindo o retorno dos camelôs para seus locais de trabalho.

Porém, Collares parece manter a intenção de expulsar os ambulantes do centro da cidade. Isto ficou evidenciado na atitude do secretário Cleón Guatimozini (o mesmo que propôs o atual reajuste da tarifa de ônibus, de Cr\$ 900 para Cr\$ 1.600). Ele disse que não devolverá as mercadorias apreendidas. E ainda fez demagogia, prometendo distribuir o produto da rapinagem entre os "pobres" da cidade. Comenta-se que, de hoje em diante, o "socialismo moreno" de Collares e companhia estará alicerçado em uma sólida base: a expropriação e distribuição das mercadorias dos "abastados" ambulantes. Seria cômico se, em especial para os camelôs, não fosse trágico. (da sucursal)

Bancários exigem garantia de emprego no Meridional

Funcionários dos bancos Meridional, Habitassul e Maisonnave, de diversos Estados, estiveram reunidos nos dias 10 e 11 deste mês em Porto Alegre, debatendo as formas de luta que vão empregar pela definitiva estatização do Meridional e garantia no emprego para os atuais funcionários. Discutiram também o quadro de carreira do banco e a organização dos trabalhadores no local de trabalho.

O encontro elegeu uma comissão que vai tratar da elaboração do quadro de carreira junto à direção da instituição. Esta comissão ficou composta por Jaqueline, de Porto Alegre; Ronaldo, de Rio Grande (interior gaúcho) e Edson, de São Paulo. Os bancários pretendem, a partir de agora, desenvolver uma ampla campanha junto à opinião pública em defesa da estatização definitiva do Meridional. Acreditam que obtendo a garantia de estabilidade no emprego e o quadro de carreira darão um passo fundamental neste sentido. Consideram essencial a mobilização de todos os funcionários do banco e pretendem eleger, dentro de um prazo de 45 dias, delegados sindicais por departamento. Os dois dias de debate foram positivos, mas revelaram problemas, como a falta de maior organização e o nível ainda baixo de mobilização. (da sucursal)

Opressão e morte na 3ª Ponte

A construção da Terceira Ponte de Vitória, que liga a capital capixaba ao município vizinho de Vila Velha, tem representado pouco menos que um inferno para os trabalhadores contratados com o objetivo de executar a obra. O trabalho é duro, os salários baixos e a morte um fantasma que acompanha a jornada acidentada e insegura dos operários.

O empreendimento foi gestado no período dos grandes projetos e baseados, como outros, no endividamento externo. Com um custo calculado inicialmente em torno de 120 milhões de dólares, teve início em 1978, foi paralisado em abril de 1980 por falta de verbas e retomado plenamente em meados do ano passado.

A ponte terá cerca de 3,2 quilômetros, será sustentada por 50 pilares, cada um com três metros adentro de rocha no fundo do mar, medindo o mais alto 72 metros. Com um total de 6,8 quilômetros de fundações, consumirá um mínimo de 120 toneladas de aço.

Para tocar a obra, com recursos dos governos estadual e federal, foi contratado o serviço da empreiteira Norberto Odebrecht, a sétima maior empresa privada nacional em 1985 e terceira mais rentável no setor em 84 - um poderio que vem sendo erguido e consolidado às custas literalmente do suor e do sangue da classe operária.

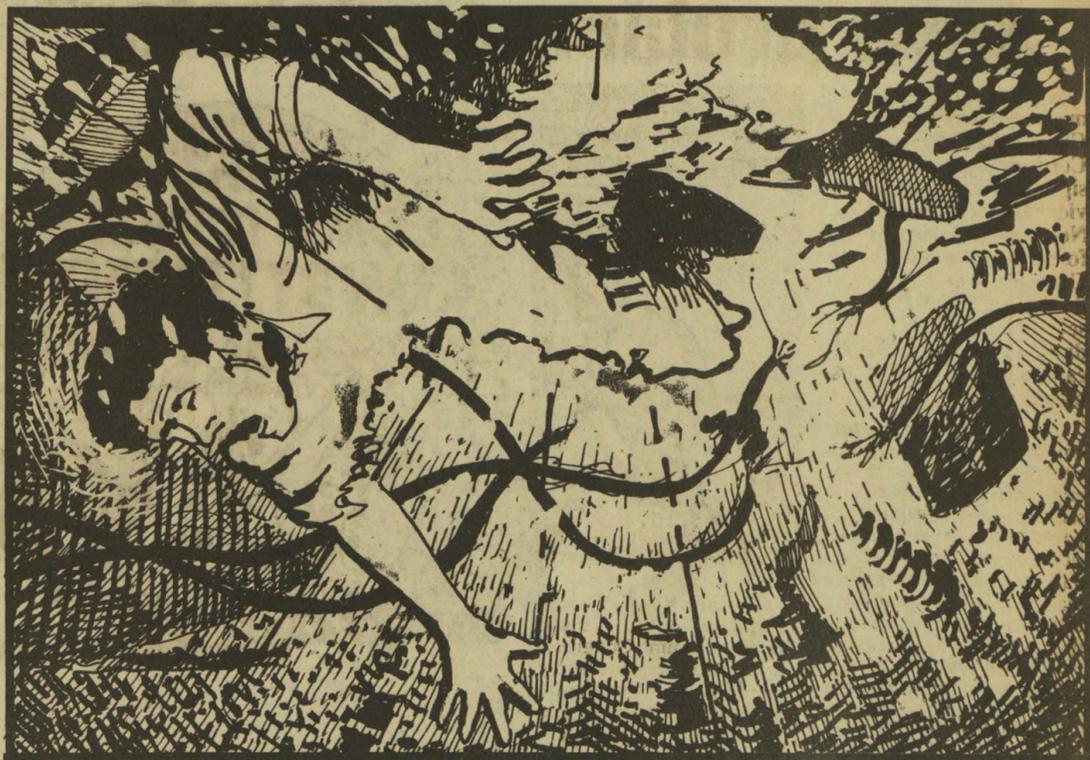
As condições sob as quais trabalham cerca de 1.800 operários na Terceira Ponte não deixam dúvidas sobre como a empresa persegue e obtém os seus lucros. Salta aos olhos o completo descaso para com a segurança e a vida dos trabalhadores. Desde o reinício das obras, pelo menos oito empregados da empresa morreram em acidentes provocados pela displicência da Odebrecht.

Em poucos meses pelo menos oito operários mortos

"Há muita denúncia de outros acidentes fatais, que a peçoza comenta mas é de difícil comprovação", diz o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil na Grande Vitória, Valdemar Lyrio. Fato é que a empresa procura ocultar ao máximo esses episódios, certamente prejudiciais à sua "boa" imagem. No canteiro de obras da Terceira Ponte, há uma formosa e cínica placa com os dizeres: "Nossa meta é acidente zero", uma requintada ironia, muito longe de representar os reais interesses e preocupações da empresa.

No dia 19 de dezembro, um elevador utilizado para conduzir trabalhadores e material de construção aos pilares caiu com um operário dentro, de uma altura de aproximadamente 56 metros. A vítima foi encontrada "botando sangue pelos ouvidos e pela boca", encaminhada ao departamento médico da empresa e "desde então não se tem mais notícias", afirmam alguns trabalhadores. Fala-se inclusive que ele morreu, "mas a empresa cuida de não informar nada oficialmente e os jornais locais não tomaram conhecimento do fato. Isto já virou rotina aqui".

A responsabilidade da Odebrecht pelos acidentes está mais que evidente. Em setembro do ano passado, um guindaste despencou de um pilar, resultando na morte de três operários. Depois de um amplo levantamento



técnico, a Delegacia Regional do Trabalho elaborou um laudo concluindo que a responsabilidade pelo acidente "é exclusivamente da empresa", tendo um engenheiro que trabalha na obra admitido que a montagem estava sendo feita de forma perigosa.

Isto não impediu que um porta-voz da Odebrecht em Vitória culpasse a "imprudência" dos trabalhadores pela tragédia. O modo desrespeitoso com que o episódio foi tratado causou generalizada indignação entre os familiares das vítimas e um deles chegou a indagar: "Será que meu irmão sabia que estava seguro quando caía?".

"Este é apenas um dos aspectos das irregularidades da empresa no tocante à segurança", esclarece Valdemar Lyrio, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil. Ele assegura que todos os dias, praticamente, "um ou outro trabalhador é acidentado por falta de segurança e mesmo quando o operário está no seguro, com cartão e tudo, é forçado a trabalhar, sendo que se faltar perde o dia. Estão fraudando o seguro e isto nós já denunciamos à Previdência Social, com documentos comprovando a fraude".

Valdemar Lyrio acrescenta que a Odebrecht "não tem a menor preocupação com os direitos dos trabalhadores, muito menos em evitar acidentes. O transporte dos trabalhadores até os pilares em construção é realizado em embarcações abertas, sendo uma fonte permanente de acidentes".

Inicialmente, os operários eram forçados a praticar horas extras, chegando a extremos "de trabalhar até 36 horas diretas", conta Valdemar. "Tinha gente que entrava 6ª feira à noite na obra, trabalhava no sábado e domingo direto. O Sindicato e os trabalhadores, depois de muita luta, conseguiram que a empresa passasse a utilizar dois turnos. Trabalhar 36 horas sem folga é um absurdo e acarreta frequentemente acidentes".

Ao lado disto, a empresa não paga horas extras, em alguns casos, nem insalubridade ou periculosidade a que todos os trabalhadores têm direito. "Não existe relógio de ponto, de forma que os operários assinam o ponto na segunda-feira e só revêm o cartão na sexta", afirma o síndica-

Direitos negados e salários aviltados constituem rotina

lista. Pelo caráter da obra, que requer uma concentração de trabalho temporário, a Odebrecht recruta os operários no seio do exército de desempregados que o capital cria e reproduz diariamente para servir aos seus designios de última hora. Os salários são os mais aviltados. Um ajudante ganha pouco mais que Cr\$ 2 mil a hora; um armador, cerca de Cr\$ 3 mil e mesmo um soldador ganha apenas Cr\$ 3.450 por hora trabalhada.

Em Vitória, a empresa encontrou certa dificuldade para encontrar trabalhadores dispostos a enfrentar esta situação. Conforme Valdemar Lyrio, a construção civil já chegou e empregou 70 mil operários, até 1983, na capital e em algumas cidades vizinhas abrangidas pelo Sindicato. "Muitos ficaram desempregados, retornaram ou foram para o campo, alguns para outras atividades, uma multidão transformou-se em camelôs. Temos apenas 30 mil em nossa base, apesar de hoje ela ser mais extensa".

A tensão e a incerteza dominam a vida dos operários na obra. A característica principal do trabalho na Terceira Ponte é o alto nível de rotatividade. "Ninguém quer ficar", comenta um trabalhador. Ao mesmo tempo, sabe-se que, uma vez concluída a obra, todos, com exceção dos que são contratados permanentes da empresa, serão jogados no olho da rua. "Peão de obra não tem emprego, tem bico e de vez em quando está desempregado", resume um armador.

"Mas o jeito", acrescenta, "é aceitar este tipo de trabalho". José Camilo da Silva, casado, com dois filhos, salário "que mal chega aos Cr\$ 100 mil líquidos por semana", afirma: "Aqui trabalha-se como animal. Mal tiramos o suficiente para comer, manter a vida e continuar trabalhando feito louco. Ninguém *güenta* muito tempo. Eu mesmo, que sou ajudante, já trabalhei três meses e estou saindo da firma".

Trabalha-se em dois turnos. Numa semana, durante o dia, noutra, à noite. "Nós somos obrigados a trabalhar de noite, das 18 horas às 6 da

manhã seguinte", explica um outro operário da empresa, agregando: "À noite o perigo de acidente é muito maior. Não se pode parar um só minuto porque senão pode-se cochilar e cair de um dos pilares, com morte certa. E nós temos que acostumar o corpo assim, uma semana dorme-se à noite, outra de dia. Hoje mesmo eu deitei para dormir às 9 horas, acordei às 11 horas, quer dizer que não dormi quase nada. Mas vou ter que enfrentar a barra. Também quero apenas dar o fora o quanto antes. Estou vendo já uma outra obra onde possa trabalhar".

José Camilo da Silva ressalta que, se ao menos a condução fosse gratuita, "já ajudaria. Eu mesmo, morando no bairro de São Torquato, sou obrigado a usar dois ônibus para chegar em casa, gastando Cr\$ 6 mil por dia de passagem e por aí já vai quase todo meu salário. Eu até sei que lá fora está difícil arranjar emprego, mas assim não dá, nem para comer dá. A gente chega num supermercado e vê que não dá para comprar nada".

Um armador, com salário de aproximadamente Cr\$ 800 mil por mês, contando o adicional noturno, comenta: "Nós somos obrigados a subir andaimes carregando ferros com 40/50 quilos. Qualquer doença, o médico da empresa trata mal, não dá atestado e só dispensa do trabalho quando o peão está perto da morte. Eu tenho de vender doce fora da empresa para ganhar um pouco mais e sustentar a família. Em certos dias, eu vejo embolar aquele monte de gente nos andaimes e é um perigo danado, mas fazer o quê? A gente tem de ganhar o pão".

De fato, quando a empresa abriu inscrições "não precisou falar nada, já estava todo o mundo no sufoco, desempregado", continua o armador. Eu mesmo há três meses não tinha trabalho, mas tem companheiros aí que estavam um, dois e até três anos desempregados, vivendo de bicos. Então, a empresa nem precisou fazer muita propaganda, quando falou 'ô fichando' surgiram peões de todos os lados, inclusive de outros Estados. E nós não podemos, por isto, reclamar muito, senão a empresa manda embora, sabendo que pode substituir facilmente. Na obra ela colocou mais de uma centena de encarregados para 'encher o saco' dos operários e certificar-se de que todo o mundo está trabalhando com toda intensidade". (Humberto Martins)

Chapa 1 é favorita nas obras de Santos

Serão realizadas dias 22, 23 e 24 as eleições para o Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil da Baixada Santista. O pleito começaria dia 10, mas foi adiado por determinação da DRT, que atendeu a pedido da Chapa 2, ligada ao PT e à CUT, "em prejuízo da categoria que ficou desorientada", conforme integrantes da Chapa 1.

José Antônio do Amaral, candidato a 2º tesoureiro pela Chapa 1, garante que os integrantes da chapa divisionista "não tem qualquer penetração entre os trabalhadores e são repudiados pelos operários devido às posições dúbias e patronais que assumem".

Para Amaral, "o adiamento das eleições foi uma manobra, pela qual o pessoal da CUT pretende ganhar tempo e provocar confusão. Para isto recorreu às leis antioperárias em vigor, embora falsamente alardeiem que são contra o atrelamento dos sindicatos ao governo".

Francisco Moreno da Silva, que encabeça a Chapa 1, explica que

"nossa chapa incorpora dirigentes já experimentados e novas lideranças que despontaram nos últimos anos. Em novembro, a categoria realizou greve, conquistando 83,92% de reajuste, sendo que os sindicalistas ligados ao PT e à CUT saíram desmoralizados por assumirem posições claramente patronais e contrárias aos interesses dos trabalhadores".

Membros e apoiadores da Chapa 2 traíram vergonhosamente os operários, denunciam integrantes da Chapa 1. Foi o caso do senhor Laureano, encarregado de eletricidade da Tenenge, que durante a paralisação forçou os operários de sua equipe a trabalhar e, juntamente com o senhor Marciano (também da Chapa 2), chamou a polícia para reprimir os grevistas. João Galdino, outro integrante da chapa da CUT, tem excelentes relações com a direção da Ufatec. A partir da greve, os patrões passaram a jogar tudo na derrota da atual diretoria (em grande parte, presente na Chapa 1) e para atingir este objetivo utilizam os divisionistas da CUT.



Candidatos que lutam pela unidade operária contra os patrões e a divisão

O programa da Chapa 1 defende a unidade dos trabalhadores, organização de Comissões de Obras, liberdade e autonomia sindical, redução da jornada de trabalho para 40 horas (36 para os que trabalham expostos às condições de periculosidade e insalubridade), criação de uma comissão de obra temporária, ampla sindicalização, entre outros pontos.

O Sindicato compreende uma base de 35 mil trabalhadores em Cubatão, Guarujá, São Vicente, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e particularmente em Santos. Cada município tem um representante. (Nivaldo S. Silva, diretor do Sindicato dos Trabalhadores de obra temporária, ampla sindicalização, entre outros pontos. Sabsesp/Cetesb)

"O povo tem que se unir, seus problemas debater"

Oitenta e seis já chegou, é ano de eleição e preste bem atenção, o papo é o seguinte: vamos nos organizar, prá saber em quem votar para ser constituinte.

O povo tem que se unir, seus problemas debater, seja na fábrica ou na rua, diretório ou comitê, estudante já tem vez e sua voz vai falar, as mulheres estão na rua e vão botar prá quebrar.

Muito tem por se fazer para a pátria melhorar, garantir reforma agrária para o povo trabalhar, só dá a terra não basta: tem que dá as condições, para se ter produção.

Esse plano de reforma tem que ser do mais profundo, desapropriar também o maldito latifúndio mundo de terra cercada o onde não se planta nada, só se vê por lado, muita terra especulada.

Do campo vou a cidade para ver o que que há o cordão dos descontentes já começa reclamar: tá faltando moradia, é que não tem serventia esse tal BNH.

A saúde desse povo está de mal a pior, as filas nos hospital é coisa de fazer dó, isso é falta de decência, que se bote na cadeia os ladrões da Previdência.

Tem que se modificar essa política escolar,



escola precisa ser, (é de período integrá, onde também se insine cursos profissioná.)

Que se dê as garantias a todos os operários, que se arrespeite as greve pedindo justo salário, pois o progresso da nação sai das mão dos proletários.

Prá acabar de uma vez essa tal de inflação, que tanto aperreia o povo, causando fragelação, só tem uma solução: (é o governo do Brasi romper com o FMI.)

Mais para poder romper com o Fundo Monetário, é preciso a união

de todos os operário, prá garantir do governo este ato libertário.

Independência se conquista com o povo participando no campo e na cidade lutando e se organizando, defendendo os seus direito com garra, força e no peito.

Já qué ano de eleição vamo ficá de oio e prestá bem atenção, pois tem candidato aí dizendo que é do povão, não vá na cunversa dele, que ele é representante dos truste dos tubarão.

Se você qué bem votar, para se puder mudá essa tal constituição,

para fazer as lei que garanta os direito de todo os cidadão,

Faça como vou fazer ajudando a eleger os candidatos comunistas do bravo PC do B, a luta pelas diretas foi eles que começaram, e prá eleger Tancredo, eles também ajudaram.

Aqui deixo meu abraço para todos os comunistas, que prossigua este ano combativos e ativistas, há muito por se fazer, há muito por se lutar: que sigamos sempre unidos, "Não vamos nos dispersar".

(Cícero Gomes, Zona Leste - SP)

Neste número uma poesia sobre a Constituinte ocupa um bom espaço no Fala o Povo. E não por acaso. É que a participação popular é indispensável para que essa Constituinte represente um avanço efetivo das conquistas democráticas, um basta ao autoritarismo e ao atraso.

É hora e vez do povo se pronunciar sobre suas reivindicações. Política não é coisa para políticos, é questão de toda a sociedade e particularmente daqueles que trabalham para construir esta nação. Os trabalhadores, que produzem toda a riqueza do país, têm muito a reivindicar.

Por isso mesmo, amigo leitor, escreva para nós. Dê sua opinião e faça suas exigências quanto à Constituinte. E além de escrever, procure organizar em seu bairro, em seu local de trabalho, comitês para apresentar as propostas populares e para escolher os candidatos realmente comprometidos com a liberdade e a soberania nacional. (Olivia Rangel)



Fala o Povo



Em Tacima o povo morre por falta de assistência

A cidade de Tacima, situada na Região do Curimatá no Estado da Paraíba, a cerca de 159 Km da capital do estado, vive os dias mais negros de sua existência, sob a opressão a que é submetido o seu povo por parte da Administração Municipal e latifundiários, que envolvem a cidade num cinturão de restrições que escraviza a população em sua maioria, relegada ao plano do total desprezo.

Um funcionário da Prefeitura, recebe a irrisória quantia de Cr\$ 30 mil por semana. As casas da população pobre (a maioria) estão caindo desde o inverno passado, e a Prefeitura que é do PMDB, não assumiu os compromissos feitos na posse. Além desses sofrimentos, os proprietários pagam ao trabalhador as exíguas quantias de Cr\$ 7 mil a Cr\$ 10 mil a diária. Se não fossem os "prás" e pequenas quantidades de peixes pescados em pequenos igarapés, o povo morreria de fome.

O açude público, está sendo cercado pelos latifundiários locais. Os vereadores nada fazem pelo povo, defendem unicamente seus interesses pessoais; permanecem alheios às reivindicações do povo. No interior do município, a situação é ainda pior.

o povo morre à mingua, não existe transporte, tampouco assistência médica.

A água de um "barreiro", que é usada para lavagem de roupas e outros utensílios é poluídíssima e o proprietário do "barreiro" a usa para seus interesses escusos. Na campanha para eleição sindical, este proprietário ameaçou fechar o "barreiro", caso a chapa de oposição sindical ganhasse a eleição. Nesta campanha de eleição sindical, todos os proprietários, inclusive a Prefeitura, torceram e trabalharam pela reeleição da chapa da situação, cujo representante é um pelego de atos inconfessáveis, ligado aos latifundiários de maneira subserviente, que infelizmente, saiu vitoriosa.

No dia da eleição sindical de Tacima houve um verdadeiro tumulto, causado pelo assessor do governo do Estado, Dr. José Moura, que rodeado de "capangas" e completamente embriagado, ameaçava de morte o candidato da chapa de oposição, caso este ganhasse a eleição. O comportamento desse assessor assemelhava-se ao de um animal raivoso; espumando, ameaçando e tumultuando a eleição sindical local. (O.B. e Irmã S.J., Paraíba)

Artesões mineiros querem direito de expor

Durante a semana de 22 a 29 de novembro, artesões que estavam expondo na Praça da Sete, centro de Belo Horizonte foram impedidos de montar suas barracas pelos fiscais da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio que alegam que os mesmos não tinham a devida autorização.

Mas na verdade, o que estava acontecendo no local é que os fiscais não chegaram com a intenção de apreender as barracas, mas estavam mesmo era com uma vontade muito grande de exercitar seus músculos quebrando as barracas dos companheiros. Eram mais de 30 gorilas que afirmavam se fosse armada alguma barraca a mesma seria desmontada e se preciso também seria quebrada isto porque, estavam a serviço, cumprindo ordens do Secretário.

A repressão foi de dar inveja aos anos mais antigos do regime.

que alega a Secretaria Municipal de Indústria e Comércio é que os artesões estão vendendo produtos industrializados, e com isso prejudicando o comércio local. Mas, para provar que tudo que vendem é artesanal, os artesões passaram a produzir tudo no próprio local.

Os artesãos só conseguiram montar suas barracas depois que chegaram o advogado dos artesões e um oficial de justiça que traziam um mandato no qual libera o local até o dia 31 de dezembro de 1985.

Já que os artesãos garantiram o local até o fim do ano, a mesma Secretaria para atrapalhar os companheiros, está liberando para o mesmo local dezenas de barracas de cartões de Natal, que com isto tira a atenção do público, prejudicando o comércio local. (Marilyn Moira de Alkmim, Belo Horizonte)

As balas não calam a pátria



Como posso cantar a flor se nos apontam os fuzis Ceifando nosso jardim

Como posso cantar a paz se nos invadem a casa Matando o melhor dos filhos

Canuto, Canuto Mataram a ti, poeta Querendo calar o canto

Vossas balas assassinas Calam um homem Mas não calam a pátria

Canaã, Canaã terra comprometida 12 balas te roubaram a voz

E tu latifúndio Que te alivia com sangue

Escuta o troar das artilharias

São dez milhões de espingardas São dez milhões de justiça são dez milhões de razão

É a marcha dos sem-terra Rompendo a cerca da fome O covil das misérias

Araguaia, Araguaia mais um guerreiro tombado Mais uma chama que queima

Rio Maria, Rio Maria que pariste a coragem nosso passar e nosso orgulho.

(Érico Albuquerque, Rio Maria - Pará)

Promessa é dívida, senhor prefeito!

Foi realizado no dia 29 de dezembro de 1985 uma festa no Núcleo Agrícola Fluminense, localizado no 4º Distrito de Duque de Caxias - Xerem/Capivari, Estado do Rio de Janeiro. O Núcleo Agrícola Fluminense é uma organização dos trabalhadores rurais sem terras e pequenos produtores da região. Antes da implantação do regime militar, a região onde se situa o Núcleo era uma região com uma alta produtividade e também com uma boa distribuição fundiária, predominando pequenas propriedades que gozavam de assistência técnica e principalmente financeira (durante o governo Roberto Silveira foi criado um plano agrícola para atender às necessidades dos camponeses da Baixada Fluminense).

Os conflitos de terra eram superados pelos pequenos produtores com a força de sua organização e combatividade, sendo vários os casos de despejos com assassinatos e queima de barracas de pau-a-pique e em contrapartida também vários jagunços e grileiros foram postos para correr no tiro, tendo ocorrido movimento de mais de 200 camponeses entrincheirados, à espera do juiz com a ordem de despejo acompanhado de jagunços e da Polícia Militar, fato ocorrido na fazenda São Lourenço. O que garantiu naquela época a posse da terra foi a união e a coragem dos camponeses. Depois de 64, com ocupação do Exército na região, muitas injustiças foram feitas, assassinato de lideranças camponesas, torturas e, paralelo a

isto, o corte do crédito rural, a não-regularização fundiária favorável aos pequenos produtores, para consolidar a reforma agrária que já tinha sido feita na marra. A interferência do Inbra foi para passar um pano quente e esfriar as tensões, não para dar solução definitiva ao problema. Após constatar a redução das tensões o Inbra retira a assistência social que era fornecida, deixando a população à mingua.

Durante a festa do Núcleo Agrícola Fluminense grande era a esperança de com a "Nova República", com o fim do decreto que tornava Duque de Caxias área de Segurança Nacional e a eleição pelo voto direto de um novo prefeito, com a eleição de um Governo Democrático em 82 para o Rio de Janeiro, as autoridades

tanto Estaduais, como Federais e Municipais, mudarão o comportamento dos governos e atenderão suas necessidades, consolidando e ampliando a Reforma Agrária na região, impedindo a especulação e desapropriando as fazendas de gado que se infiltram na região, e criam graves transtornos, dando melhores possibilidades de crédito ao camponês, estendendo a eletrificação rural e prestando assistência técnica, médico-dentológica e educacional. Afinal não é só em época de eleição que os candidatos a postos de governos devem lembrar dos camponeses da Baixada Fluminense prometendo criar um cinturão verde no Rio de Janeiro, promessa é dívida. (Amigos da Tribuna Operária, de Nova Iguaçu - RJ)

Mulheres criam comissão em Guarulhos

Foi formada no sábado passado, no Jardim Maria Luiza, em Guarulhos, uma comissão de mulheres com o objetivo de criar condições para o surgimento de uma União de Mulheres no município. Entre os membros da comissão destaca-se Dora Maria, uma das mais combativas moradoras do

bairro. Estiveram presentes no ato representantes do Diretório Municipal do PC do Brasil e o presidente da Sociedade Amigos de Bairro, sr. Alfredo. Luiza Cordeiro, falando em nome do Partido Comunista do Brasil, enfatizou a necessidade de se ter um núcleo da União

de Mulheres para fortalecer as lutas travadas no dia a dia pelos moradores. "A entidade - disse ela - não concorreria com a Sociedade Amigos. Seria sim um reforço para a luta de todos unidos".

Durante a reunião discutiu-se também a importância de se distribuir um docu-

mento no bairro concluindo todos os trabalhadores a engrossarem a luta por melhores condições para o bairro, como por exemplo a questão do transporte. E foi feita uma advertência ao prefeito: mais atenção aos bairros. Chega de promessa na hora de voto. (Mário Carneiro - São Paulo, SP)

Cartoas lutam pelo poder e esquecem o futebol

Cento e vinte milhões de brasileiros aguardam apreensivos a designação de um técnico e a escalão da seleção brasileira de futebol que em maio vai disputar a Copa do Mundo, enquanto os cartolas de engalfinham numa malufista disputa pela presidência da Confederação Brasileira de Futebol.

A nossa seleção já era para estar escalada e treinando desde o final do ano passado, como aliás estão fazendo as outras 23 seleções que disputarão com o Brasil a Copa do México. Mas por causa da eleição da CBF, não foi escolhido o técnico e o time continua desconhecido e disperso, colocando em risco nossa própria classificação pós-quartas-de-finais, como teme até o ex-craque Pelé.

A eleição na CBF foi quinta-feira e só agora será conhecido o técnico da seleção, girando a disputa entre Zagalo, Minelli ou Castilho. Todo o trabalho preparatório que deveria estar já deslançado e em franca execução ainda está por começar.

Medrado Dias, candidato da situação, do presidente da Fifa e de outros cartolas, e Nabi-Abi Chedid, de oposição, disputaram essa eleição num colégio eleitoral de 26 votos, com a mesma característica de Andrezza e Maluf na disputa pela legenda do PDS, nos estertores do regime militar. Medrado Dias, apoiado por João Have-lange, foi, segundo a oposição, sustentado por multinacionais interessados em monopolizar o mercado que gira em torno e dentro do futebol brasileiro, por banqueiros (principalmente o Bradesco) e "outros interesses".

Já Nabi-Abi Chedid é acusado até de cárcere privado, pois manteve, nos últimos dias da campanha, vários dirigentes de federações regionais (os eleitores) em apartamentos de hotéis de luxo em São Paulo com carros e motoristas à disposição e toda a mordomia possível e imaginável. Nunca se viu, nem entre os cartolas brasileiros, uma eleição baixar tanto o nível como esta última para a direção da CBF. Mesmo a imprensa paulista e carioca (Medrado é carioca e Nabi-Abi é paulista) acabou resvalando para o baixo nível, torcendo descaradamente para um ou outro à base de interesses menores, sem discutir uma reformulação séria no futebol brasileiro para tirá-lo desta crise endêmica que já dura mais de uma década, nem exigindo uma solução imediata para a questão da seleção brasileira, que é uma exigência imediata de todos os brasileiros.

O TÉCNICO

Por causa da disputa intestina da CBF, adiando a designação do novo técnico da seleção e a escalão do time que vai ao México, Telê Santana, talvez o mais capacitado técnico brasi-

leiro da atualidade, inclusive já desistiu da seleção e afirmou que mesmo convocado não mais aceita a tarefa. Pelé, outro esportista que é respeitado pelos brasileiros, já afirmou que a situação brasileira é crítica e que o tempo que o novo técnico terá para escolher o time e fazer a preparação é tão curto, a partir de agora, que é praticamente impossível o Brasil passar da fase classificatória para a final da Copa do Mundo.

Tudo isso porque cada um dos candidatos à presidência da CBF tinha os possíveis técnicos favoritos: Nabi-Abi estava com Telê porque Medrado estava com Zagalo. Minelli só era citado como regra três, o que também o deixou magoado e praticamente sem perspectivas para assumir a direção do selecionado. Portanto, mesmo que agora, o melhor técnico seja escalado e o melhor time escolhido e inicie-se o treinamento imediatamente, o tempo perdido poderá ser fatal.

Quando à reestruturação do calendário futebolístico, com uma discussão racional envolvendo federações, clubes e os atletas, visando revitalizar o futebol e tratá-lo como o esporte que mais empolga as massas brasileiras, assim como a discussão sobre a reestruturação dos órgãos jurídicos e diretivos da CBF, que se situam quase que como um poder paralelo às instituições brasileiras, pouco foram lembradas nessas disputa pelo poder.

Aliás, nos últimos anos os calendários estaduais e nacionais foram alterados várias vezes, sempre atendendo a critérios políticos da CBF e até mesmo eleitorais do PDS, no tempo do regime militar. Nunca os clubes menores e os sindicatos de atletas foram chamados a discutir a questão. Muito menos as torcidas organizadas, hoje disseminadas pelo Brasil todo e com um poder de mobilização muito grande.

Sempre que se altera o calendário, os atletas passam a trabalhar mais, os clubes se endividam mais e mais, a confusão toma conta da torcida, as rendas e o comparecimento da massa aos estádios diminui e não há nenhum incentivo à várzea e ao futebol amador. Essa última eleição da CBF mostrou novamente essa situação e a corrupção desenfreada que tomou conta do esporte dominado pelos cartolas. Para eles, levou-se em conta apenas o poder político da CBF. As emoções dos brasileiros que querem ver o futebol brasileiro brilhando, ganhando uma copa do mundo, e a própria vida do dia a dia do futebol nos estádios - sequer passaram pela cabeça dos cartolas. A torcida certamente não se esquecerá disto.

(Luiz Aparecido)



O grupo "Ultraje a Rigor": letras irreverentes e críticas sobre o comportamento social numa nova onda do rock

Um novo rock invade a praia

Com letras surpreendentes, chegou há pouco mais de dois anos no cenário musical um novo tipo de rock, que está dominando a programação das rádios FMs e agradando à garotada e também a outras gerações. Na história do rock brasileiro apareceram vários grupos e compositores. É o caso dos Mutantes, de Raul Seixas, e Rita Lee. Grupos que batalhavam espaço nas rádios e lutavam pela liberação de suas músicas pela censura. Agora, com a liberdade democrática, os novos grupos podem dizer sem peias na língua o que pretendem - e são divulgados pelos meios de comunicação.

Um dos grupos em maior destaque é Ultraje a Rigor: das onze faixas do LP "Nós vamos invadir sua praia", oito são executadas com frequência nas rádios. Neste seu primeiro LP, o Ultraje já se caracteriza pela satirização da sociedade atual e ridiculariza a decadência burguesa:

*Daqui do morro dá prá ver tão legal
O que acontece aí no seu litoral
Nós gostamos de tudo
Nós queremos é mais
Do alto da cidade até a beira do cais.
Mais do que um bom bronzeado*

*Nós queremos estar do seu lado.
Nós "tamos" entrando sem óleo, nem creme
Precisando a gente se espreme.
Trazendo a farofa e a galinha
Levando também a vitrolinha.
Separa um lugar nessa areia
Nós vamos chacoalhar sua aldeia
Misture sua laia ou fuge da raia
Sai da tocaia, pula na baia
Agora nós vamos invadir sua praia...*

Roger Rocha Moreira é autor de todas as músicas, sendo duas apenas em parceria. Com voz natural, ele canta a mediocridade, como em "Rebelde sem causa":

*Minha mãe até me deu essa guitarra
Ela acha bom que o filho caia na farra
Filho homem tem que ter um carro seu*

*Não vai dar, assim não vai dar
Como é que eu vou crescer sem ter com quem me revoltar
Não vai dar, assim não vai dar
Pra eu amadurecer sem ter com quem me rebelar...*

O grupo RPM - com vocal de Paulo Ricardo, considerado uma das figuras mais marcantes no palco - também tem várias músicas do LP "Revoluções por minuto" executadas pelas rádios. Como "Rádio Pirata":

Abordar navios mercantes

Invadir, pilhar, tomar o que é nosso

*Pirataria nas ondas do rádio
Havia alguma coisa de errado com o rei...*

*Disputar em cada frequência
Um espaço nessa decadência
Canções de guerra, quem sabe canções do mar
Canções de amor ao que vai vingar...*

E nessa trilha existem outros grupos bons, como o Paralamas do Sucesso, que fez o uso do óculos uma satirização, ou o Camisa de Vênus, com a música "Eu não matei Joana D'Arc". Em decorrência do surgimento de vários grupos nessa faixa, já existem programas na tevê dedicando espaço para essas músicas. Roberto Carlos, que no seu programa de fim de ano em 1984 já havia gravado com o conjunto Blitz, trouxe para o ano passado o "Ultraje a Rigor". Chico Buarque, já em dezembro de 1984, cantou uma música com Paula, vocalista do "Kid Abelha e os Abóboras Selvagens". Uma rapaziada realmente boa. (Myrian Caseiro)

Sucesso da "Escrava Isaura" na Albânia

Nas últimas semanas, alguns brasileiros se tornaram muito conhecidos na Albânia Socialista. São os atores da Rede Globo de Televisão, Lucélia Santos, Rubens de Falco, Roberto Bonfim e outros que integram o elenco da novela "Escrava Isaura", que estreou no pequeno país dos Balcãs em dezembro passado, com um estrondoso sucesso de público.

A novela, que já passou em vários outros países da América Latina, África, Ásia e Europa, foi comprada pela Rádio e Televisão Albanesa, dublada em italiano e legendada em albanês, e está passando no chamado horário nobre da televisão local. Sérgio Miranda, que recentemente visitou a Albânia (veja entre-

vista na página 2) ficou surpreso quando chegou no país e as pessoas o abordavam perguntando sobre a novela e os artistas que nela trabalham.

Segundo ele, "Escrava Isaura" está emocionando todo o povo albanês, que não desgruda da televisão durante a exibição dos capítulos diários e no outro dia, discutem a novela nas ruas, nos locais de trabalho, nos restaurantes, bares etc. "É um verdadeiro fenômeno, lá", diz Sérgio Miranda.

Os albaneses estão vendo a novela brasileira, baseada numa obra de Bernardo Guimarães, do ponto de vista histórico, da luta contra a escravidão e pela valorização do homem. O fato da escrava

Isaura ser branca e ser tratada com uma enorme diferenciação dos negros, sabendo ler e escrever, tocar piano, também é objeto de discussão entre os albaneses. Mas a interpretação de Lucélia Santos e de Rubens de Falco, principalmente, está literalmente emocionando o povo socialista da Albânia.

Além de "Escrava Isaura", a Albânia Socialista já adquiriu outros programas de televisão brasileiros, principalmente da Rede Globo, entre eles algumas mini-séries e o especial "Morte e Vida Severina". Com relações diplomáticas e comerciais recém-estabelecidas com o Brasil, o intercâmbio cultural entre os dois países tende a crescer nesse sentido.



Lucélia Santos, como Isaura

LIVROS - REVISTAS - POSTERS
POSTAIS - DISCOS - CAMISETAS
EXPOSIÇÕES

AREIA BRASIL

ESPAÇO ALTERNATIVO

RUA VERGUEIRO, 923 - PARAIÓSO - SP
(FRONTE AO CENTRO CULTURAL SP)
Fone: 279-0147 - CEP 01504
SEG. A SÁB., 10 AS 23 HS.
DOM. 16 AS 23 HS.

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.
Telefone: 36-7531 (DDD 011)
Telex: 01132133 TLOBR
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olivia Rangel.
ACRÉ - Rio Branco: Edifício Felício Abrahão 2º andar sala 32 - CEP 69900.
ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobrelaje, CEP 57000. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.
AMAZONAS - Manaus: Rua Simão Bolívar, 231, (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone: 237-6644 - CEP 69000.
BAHIA - Camacari: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42800. Feira de Santana: Av. Senhores dos Passos, nº 1399 - 2º andar - sala 1415 - CEP 44100.
Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar sala 1 - Centro - CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro. Juazeiro: Rua América - CEP 44000. Simões Filho: Rua Pereira Moacir, 96 - CEP 47500. Salvador: Rua Conselheiro Junqueira Ayres, 41 - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (pré-dio da antiga Cimes) - CEP 43700.
DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV, sala 312 - CEP 70302.
CEARA - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60000. Iguaçu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 63500.
Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 - CEP 62100.
ESPIRITO SANTO - Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo

Monteiro, 89, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória: Rua Duque de Caxias, 112, Edifício Aguirre, sala 15 - CEP 29000.
GOIÁS - Goiânia: Rua 3, Nº 380, casa 6 - Centro - CEP 74000. Anápolis: Rua 14 de Julho, 821 - Centro - CEP 71100.
MARANHÃO - São Luís: Rua do Egito, 76 - Centro - CEP 65000.
MA - O GROSSO - Culabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone: 321-5095 - CEP 78000.
MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: Rua Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.
MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000.
PARÁ - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000.
PARAÍBA - João Pessoa: Praça 1817, nº 116, 2º andar - Centro - CEP 58000. Campina Grande: Praça da Bandeira, 117, 1º andar - Centro - CEP 58100.
Cariacica: Rua Comendador Fontana, 88, Fone: 253-7961 - CEP 80000.
Londrina: Rua Serpente, 984, sala 206, 2º andar - CEP 86100.
PIAUÍ - Teresina: Rua Barroso, 144-N, 1º andar, sala 4 - CEP 64000.
PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigário Batista, 236, CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5, sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua do Sossogo, 221, Boa Vista - CEP 50000.
RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Deodoro, 776 - CEP 55000. Recife: Rua do Sossogo, 221, Boa Vista - CEP 50000.
RIO GRANDE DO SUL - Alegre: Rua dos Andrades, 1204, 3º andar, sala 3 - CEP 90000. Bento Gonçalves: Rua Dr. Casa-grande, 58 - CEP 95700. Caxias do Sul: Rua Bento Gonçalves, 2048 - CEP 95100. Pelotas: Rua Andrada Neves 1589,

sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinha: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 20 aberto depois das 18 horas e aos sábados das 9 às 12 horas. Santa Maria: Rua Dr. Bozano, 1147, sala 410 - Centro - CEP 97100. Rio Grande: Rua Gen. Vitorino, 746-A - CEP 96200.
LUIZ - Rua 15 de Novembro, Edifício Nelson Luchese, s/ 23, 2º andar.
RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Evaristo da Veiga, 16, sala 504 - CEP 20000. Niterói: Av. Amarel Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Travessa Renato Pedrosa, 33, sala 319 - CEP 26000.
SANTA CATARINA - Florianópolis: Praça XV de Novembro, 21, sala 705 - CEP 88000.
SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Senador Saravia, 448, fone: 2-6345 - CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avellar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195, 1º andar, sala 19 - CEP 12200. Guarulhos: Rua Padre Celestino, 42, sala 8, 2º andar - CEP 12200.
SERGIPE - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Ovidio Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Past-Up e Fotolito, Litare Fotolitos Ltda. Fone: 279-3646. Impressão: Cia Jorus, Fone: 815-4999 - São Paulo - S.P.

Faça cinco assinaturas da Tribuna Operária e ganhe uma de brinde! Colabore para o fortalecimento da imprensa operária.

X Sim, eu quero receber a Tribuna Operária. Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., pela seguinte opção de assinatura:

Anual (52 edições) Cr\$ 260 mil
 Anual popular (52 edições) Cr\$ 130 mil
 Semestral (26 edições) Cr\$ 130 mil
 Semestral popular (26 edições) Cr\$ 65 mil
 Trimestral (13 edições) Cr\$ 33 mil
 Anual para o exterior (dólares) US\$ 70

Nome:
 Endereço:
 Bairro: CEP:
 Cidade:
 Estado:
 Profissão:
 Data:

CDM
Centro de Documentação e Memória

na Editora Anita Garibaldi, Rua Adoniran Barbosa, Fundação Municipal, Curitiba

Seca e juros sufocam o campo

A longa estiagem que se abateu na região centro-sul do país deixou os pequenos produtores rurais numa situação desesperadora. Cerca de 70% da safra estão perdidas. Para agravar o quadro, os lavradores estão atolados em dívidas e não têm como pagá-las. Muitos já perderam as terras - hipotecadas aos bancos - e outros estão com ação de despejo em andamento.

O financiamento bancário - e dentro dele os juros - assume particular importância para os pequenos produtores rurais. Num momento em que se fala de reforma agrária, esta questão não pode ser deixada de lado. As 330 famílias de camponeses da Fazenda Primavera, situada a 13 quilômetros de Andradina, no extremo oeste do Estado de São Paulo, é um caso exemplar.

As famílias de arrendatários que moravam na fazenda do conhecido latifundiário e industrial J. J. Abdalla fizeram uma intensa mobilização e conseguiram forçar o Incra a desapropriar a área, em julho de 1980. Hoje, quem passa na rodovia SP-563, de Andradina para Nova Independência, cruza a Fazenda Primavera e nota uma paisagem diferente. Enquanto nos latifúndios ao redor só se vê pasto e boi, na área desapropriada todos os lotes têm plantações - de milho, arroz, amendoim e algodão, principalmente - apesar da seca. Dos 9.500 hectares da área da fazenda, cerca de 3.700 estão explorados, índice muito acima da média nacional. Somente este fato desmente as afirmações de alguns órgãos da imprensa reacionária, como o jornal "O Estado de S. Paulo", que tentam demonstrar que com a reforma agrária a produção cairia.

Mas as dificuldades enfrentadas pelos lavradores não são poucas. A dívida com os bancos e com os agiotas é o principal problema e os juros com todo o excedente da produção. Com a seca, a situação se agravou. Olair Queiroz dos Santos, 42 anos, pai

de cinco filhos, lutou vários anos para conseguir o seu lote de 28 hectares. Agora está ameaçado de ser despejado. Já perdeu o trator e tem uma dívida de Cr\$ 70 milhões. Este quadro é generalizado na Fazenda Primavera. Um irmão de Olair está com um mandato de prisão por não poder pagar seus compromissos financeiros.

Com lágrimas nos olhos, Olair dos Santos olha os pés de mangueira plantados por ele no seu quintal e diz: "A gente não quer sair. Nós lutamos muito, mas não temos condições de enfrentar essa situação. Não adianta ter terra se nós estamos com as mãos amarradas. A gente vai no banco e eles não dão dinheiro; a gente vai pro agiota e chega na safra eles ficam com quase tudo".

Juros altos elevam dívida de camponês

O camponês, com as mãos calejadas e a pele crestada pelo sol, sabe de onde provêm seus males: "Nós se acha todos com dívida devido à má administração do Incra e da Associação. Agora, com o Incra novo, isto começou a mudar. Todos os intermediários trabalham com a gente com o objetivo de tomar as terras. Os juros deles são de 20 a 27%". Olair explica que os lavradores foram se endividando sem receber nenhum tipo de orientação. Somente em agosto do ano passado o Incra enviou um, agrônomo para ajudá-los. "faltou a



Os arrendatários da Fazenda Primavera comemoram com seus instrumentos de trabalho a posse da terra

cobertura da parte administrativa", comenta ele. "Foi a mesma coisa que soltar a gente no meio d'água. O pobre coitado que sempre foi mandado precisa de uma orientação".

Os latifundiários da região nunca aceitaram a distribuição das terras da Fazenda Primavera aos arrendatários. Até hoje ainda os tacham de "terroristas" e "subversivos". O próprio Incra só aceitou desapropriar a área devido à pressão dos camponeses, pois seu presidente naquela época, Paulo Yokota, era muito amigo dos latifundiários. Quando da entrega dos títulos de posse aos trabalhadores, ficou hospedado num latifúndio, a Fazenda Progresso.

Os grandes proprietários rurais se armam e organizam sua "caixinha". Em novembro, em Presidente Prudente, houve leilão de 2.700 bois, cujo dinheiro será aplicado na luta contra a reforma agrária. Em dezembro, mais de 50 famílias ocuparam as terras de um latifúndio próximo a Andradina; quando a polícia chegou, a tropa de jagunços dos fazendeiros já expulsara os trabalhadores.

Fazendeiro 'compra' terra com carabina

José Nunes Pereira trabalhou de arrendatário para Abdalla durante 40 anos e foi uma das principais lideranças dos camponeses da Fazenda Primavera. Com 63 anos, ele afirma que "os fazendeiros têm medo da gente e porque nós sabemos que em todas as fazendas tem lebre" - ou seja, foram formadas através da grilagem. A Fazenda Primavera está cercada por grandes propriedades com até 40 mil alqueires. Irônico, José Pereira indaga: "Você acha que eles (os fazendeiros) compraram essas terras? Eles compraram de carabina, botando os outros pra correr".

Morando numa casinha de madeira, entre mangueiras, Manoel Batista, 63 anos, os cabelos grisalhos contrastando com sua pele negra, fala mansa, foi um dos primeiros a iniciar a luta contra os Abdalla. Ele diz que sente bem por ter participado desta briga, pois "sempre tive vontade de ter um pedaço de terra".

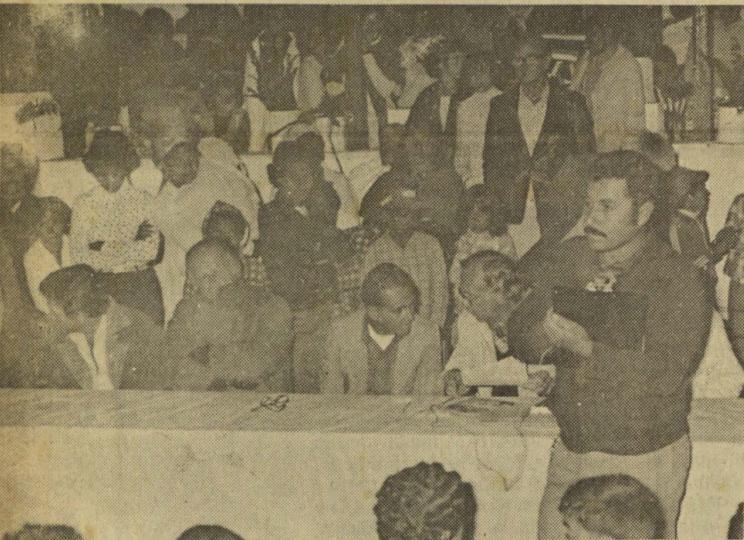
Com um lote de 12 alqueires, ele explica que só plantou três alqueires porque "o financiamento não deu nem para a tomboação". Preocupado, diz: "Este ano estou devendo e as plantas estão sumindo tudo com a seca". Manoel critica os juros altos: "O governo precisava dar um jeito de

diminuir os juros. Ele só deu a terra e soltou a gente na unha do gavião, soltou na mão do banco. Eu também peguei dinheiro com agiota e pagava juros caros. Eu vendia o algodão pro agiota, ele prometia um preço; mas atrasava o pagamento e, quando recebia, o preço já estava muito mais caro".

Manoel Batista, viúvo, vive com um de seus 10 filhos. Acompanha atento a campanha pela reforma agrária no país e, baseado na experiência adquirida na luta para conquistar seu pedaço de chão, acha que "se o povo não invadir, não tem terra. Se a gente estivesse na moita nós não tínhamos conseguido a terra nunca".

Os latifundiários da região se aproveitam da dívida dos colonos para ir se assenhorando novamente das terras da Fazenda Primavera. Nos dias 18 e 19 de dezembro, quando este repórter estava no local, foram feitos dois despejos e outras 20 famílias estão ameaçadas. Os lotes foram colocados em leilão e arrematados pelos fazendeiros.

A dívida das 330 famílias para com os bancos, agiotas e firmas de comércio está em torno de Cr\$ 900 milhões. Uma das propostas é que o Incra faça uma nova distribuição dos lotes que foram leiloados, impedindo que aquelas terras caiam novamente nas mãos dos latifundiários.



Olair: "Não adianta ter terra, se na safra o agiota fica com quase tudo"

Efeitos da seca atingem a todos

Desde julho do ano passado a pior seca dos últimos 50 anos castiga a região centro-sul do país, trazendo prejuízos não só aos agricultores mas a toda população. Em várias cidades está ocorrendo o racionamento de água e nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul já se iniciou o racionamento de energia elétrica.

QUEBRA DE 70% NA SAFRA

A estiagem está afetando as regiões de maior produção agrícola do país, e os seus danos para a economia são incomparavelmente maiores do que os da seca do Nordeste. Calcula-se que 70% da safra 85/86 das áreas atingidas estão perdidos. Os efeitos destas perdas atingem a todos. Muitos produtos tiveram uma alta excepcional devido à sua escassez, mais a especulação empurrando a inflação para as nuvens. O café, por exemplo, que teve uma alta na sua cotação internacional devido à queda na safra no Brasil, subiu mais de 1.000% para o consumidor em um ano.

Os principais produtos atingidos pela falta de chuva foram o milho, arroz, feijão, café e carne, principalmente de frango e porco. O feijão, um dos principais integrantes do cardápio do brasileiro, sofrerá uma quebra em sua safra das águas de 400 mil toneladas. Por isso, seus preços subiram 450% nos últimos 12 meses e deverão continuar em ascensão. A produção de milho ficará 4 a 5 milhões de toneladas abaixo do consumo nacional, refletindo na quebra da produção de ovos, carne

de frango e de porco, pois este produto serve de ração para animais.

O governo federal anunciou algumas medidas para minorar a situação da população. O plano é importar cerca de 6 milhões de toneladas de produtos agrícolas para suprir o abastecimento interno. Para desafogar os agricultores que perderam a safra e estão endividados, o presidente Sarney promete três medidas básicas: as dívidas para o plantio da safra 85/86 não serão executadas; foram prorrogados os prazos para pagamento dos empréstimos feitos para o plantio da última safra; e liberam-se empréstimos às famílias dos pequenos produtores.



Represa Guarapiranga vazia: a população paulistana se vê obrigada a racionar água



Jagunço que ameaçava os lavradores, fotografado por um camponês

Prisões e mortes para dividir a Primavera

Para conseguir o direito à posse da terra, os trabalhadores da Fazenda Primavera enfrentaram a ameaça de jagunços, tentativas de suborno, prisões e mortes. No final, diante da persistência dos camponeses e da repercussão na imprensa, em julho de 1980, foi assinado o decreto 84.877, desapropriando a área em litígio.

José Nunes Pereira tocava roça arrendada nas terras de J. J. Abdalla. "Pagávamos até 50% da colheita para ele e o dono não dava nada", diz ele. "Em 1977 resolvi não pagar mais o arrendamento. Veio capanga com revólver no bolso me pensar pra pagar. Eu disse: o dia que vocês me apresentarem recibo de imposto de renda eu pago. Fui no Incra e vi que eles nunca tinham pago imposto da fazenda. Então falei para as outras famílias não pagarem", relata o arrendatário sobre o início da batalha contra os Abdalla.

Com a decisão dos camponeses, o conflito se aguçou. "Soltaram 5 mil cabeças de gado na nossa roça. Não pudemos contar com a ajuda de ninguém em Andradina. Fomos no Incra, em Brasília, e nos disseram que não existia essa fazenda. Aqui colocaram vários jagunços armados de metralhadora. Eu só saí à noite", relata José Pereira. Mas esta pressão não os intimidou. "Os jagunços botavam granada, mas nós arrancávamos".

Depois, trataram com capanga e feriram dois outros que trabalhavam num trato. Enquanto isso, vários dele

gações foram a São Paulo e Brasília denunciar a situação. Para se sair da Fazenda Primavera tinha que ser escondido, pois os jagunços vigiavam as estradas. "Com a desapropriação, o Incra veio para a sede da fazenda e a jagunçada foi embora", recorda José Pereira.

Cada família recebeu lotes que variavam de quatro a 20 alqueires, dependendo do número de filhos. Foi formada uma associação, que inicialmente não serviu muito aos camponeses. Olair dos Santos conta que "a associação foi feita pelo Incra sem a participação de ninguém. A gente achava que não devia ser assim".

CORONEL CONTRA A REUNIÃO

O Incra, durante o regime militar, tentava impedir a organização dos camponeses. Chegavam inclusive a proibir reuniões na Fazenda Primavera. "certa vez veio um coronel com algumas no bolso dizendo que não queria ver reunião. Dizia: 'Agora eu quero que vocês vão trabalhar'", recorda Olair. Por levar a luta até o fim, os arrendatários ficaram marcados e continuaram sofrendo perseguições. Houve denúncias absurdas, como conta Olair: "Vieram quatro policiais na minha casa me prender, me acusando de ter tentado matar o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Andradina. Mas fui solto porque o juiz julgou improcedente a acusação contra mim". (Domingos A. Freire)



Foto: Luiz C. Muriqui